

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**A PERCEÇÃO PARENTAL SOBRE O
TEMPERAMENTO INFANTIL**

Sónia Alexandra Pires Rico

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicoterapia Cognitiva -
Comportamental e Integrativa)**

2018

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**A PERCEÇÃO PARENTAL SOBRE O
TEMPERAMENTO INFANTIL**

Sónia Alexandra Pires Rico

Dissertação de Mestrado orientada pela Professora Doutora Isabel de Sá

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-
Comportamental e Integrativa)**

2018

AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer à Professora Doutora Isabel de Sá pelo acompanhamento e encorajamento ao longo da investigação, e pela disponibilidade no esclarecimento de dúvidas ao longo dos meses de trabalho.

Agradeço à minha família, pai. Mãe, irmã, avô, tios e primos o especial apoio que me deram ao longo dos meses, bem como o apoio incondicional e por acreditarem em mim e ajudarem-me a não desistir apesar das adversidades.

Não posso deixar de agradecer à Filipa e à Dr.^a Mónica pelo suporte que me deram ao longo de toda a investigação, ajudando-me a continuar e a ultrapassar os obstáculos, fazendo-me confiar no meu trabalho. À minha afilhada de curso que desde o início me fez acreditar que eu iria conseguir chegar até aqui, e me apoiou sempre em todos os momentos da faculdade, fica um agradecimento sentido e emocionado de uma das pessoas mais importantes na minha vida académica. Acreditou e esteve sempre presente quando precisava. Não posso deixar de agradecer à minha madrinha académica, o apoio que me deu numa das fases mais difíceis que ultrapassei com a sua ajuda, e que me fez continuar a minha investigação. É também uma das pessoas mais importantes e que levo do meu percurso universitário; mais que uma madrinha, uma grande amiga.

Deixo um especial agradecimento aos participantes neste estudo, bem como à associação de solidariedade social que se demonstrou muito colaborativa e interessada em ajudar-me.

O meu último agradecimento, é deixado à minha avó Isabel, que infelizmente já não está presente mas que lhe prometi que iria fazer o meu mestrado em memória dela, e que iria abraçar o meu futuro enquanto psicóloga, dedicada e empenhada numa profissão com que tanto me identifico. É com orgulho que lhe dedico a minha dissertação de mestrado, ela que sempre me apoiou e me dizia que teria orgulho em ver a neta ser Mestre em Psicologia.

Em memória da minha avó, Isabel Pires

RESUMO

Este estudo teve como principal objetivo investigar a percepção dos pais acerca do temperamento infantil dos seus filhos. A amostra foi composta por 99 participantes, pais de crianças com idades compreendidas entre os 5 e os 14 anos, entre o ensino pré-escolar e o ensino básico, tendo sido feita a recolha dos dados numa associação social e pedagógica. Os participantes responderam aos seguintes questionários: o BSI- Inventário de Sintomas Psicopatológicos; o SATI- Inventário de temperamento para crianças em idade escolar; e o SDQ - Questionário de Capacidades e de Dificuldades. Os dados foram analisados estatisticamente através de correlações e comparações de médias, com recurso ao programa estatístico – SPSS. Os resultados não suportam a questão de investigação que remete para a existência de diferenças na percepção paterna e materna do temperamento infantil. Os resultados suportam a influência dos sintomas psicopatológicos dos pais na avaliação do temperamento da criança, tendo sido observadas também associações significativas entre o temperamento da criança e as capacidades e dificuldades da mesma. Os resultados foram discutidos tendo em conta as teorias subjacentes às questões de investigação.

Palavras-chave: Personalidade, Temperamento e Ajustamento (*Goodness of Fit*)

ABSTRACT

The aim of this study was to explore parent's perception about their child's temperament. Data was collected through the participation of 99 parents, whose children, aged between 5 and 14 years, were students from preschool to primary education at a local association. Participants completed the following scales: BSI – Brief Symptom Inventory, SATI - School-age Temperament Inventory and SDQ- Strengths and Difficulties Questionnaire. Data was analysed using correlations and comparisons of means. The results support the research question that addresses the impact of parents' psychopathological symptoms on the evaluation of child temperament; it has also been observed significant associations between child temperament and children strengths and difficulties. Yet, the results do not support the research question that addresses the differences between mothers' and fathers' perception about child temperament. The results are discussed according to theories underlying our research questions.

Key-words: Personality, Temperament, Goodness *of fit*

ÍNDICE

<i>Agradecimentos</i>	<i>i</i>
<i>Resumo</i>	<i>ii</i>
<i>Abstract</i>	<i>iii</i>
<i>Índice</i>	<i>iv</i>
<i>Índice de tabelas</i>	<i>vi</i>
1.Introdução	9
2. Enquadramento Teórico	12
2.1 Personalidade e Temperamento	12
2.2 A Pertinência do estudo do temperamento infantil	13
2.3 Teorias de referência no estudo do temperamento infantil	14
Abordagem estilística do temperamento	15
Abordagem Psicobiológica	18
Abordagem Categorical	20
Abordagem Comportamental	21
2.4 A importância das figuras parentais e o processo de vinculação no ajustamento infantil	21
2.4.1 Psicopatologia parental e problemas de internalização e externalização nas crianças	22
2.4.2 O contributo das práticas parentais	24
2.5. Objetivos e Questões de investigação	26
3. Método	28
3.1 Participantes	28
3.2 Instrumentos	30
3.2.1. Questionário Sociodemográfico	31
3.2.2. BSI- Inventário de Sintomas Psicopatológicos (Derogatis 1982; traduzido por Canavarro,1996)	31

3.2.3 SATI- School-Age Temperament Inventory - SATI (McClowry, 1995; traduzido e adaptado para a população portuguesa por Lima, Serra de Lemos & Guerra (2010)....	32
3.2.4 SDQ- Questionário de Capacidades e Dificuldades.....	34
3.3 Procedimento.....	35
4. Apresentação de Resultados.....	36
4.1 Qualidade Psicométrica dos Instrumentos.....	36
4.2 Estatística descritiva.....	38
4.3 Diferenças entre grupos- Análise Multivariada: Manova.....	41
4.4 Estudo de correlação entre variáveis.....	46
5. Discussão dos resultados e Conclusão.....	50
6. Referências Bibliográficas.....	58
7. Anexos.....	62

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. <i>Caracterização sociodemográfica dos encarregados de educação</i>	29
Tabela 2. <i>Caracterização Sociodemográfica dos Educandos</i>	30
Tabela 3. <i>Análise de Consistência Interna das dimensões do BSI</i>	36
Tabela 4. <i>Análise da consistência interna dos itens do SATI</i>	36
Tabela 5. <i>Análise da consistência interna dos itens do SQD</i>	37
Tabela 6. <i>Estatística descritiva das dimensões do BSI</i>	38
Tabela 7. <i>Estatística descritiva das dimensões do Sati</i>	39
Tabela 8. <i>Estatística descritiva das dimensões do SDQ</i>	40
Tabela 9. <i>Análise multivariada (Manova) dos itens do BSI</i>	41
Tabela 10. <i>Análise Multivariada (Manova) dos itens do SATI</i>	43
Tabela 11. <i>Análise Multivariada (Manova) dos itens do SDQ</i>	44
Tabela 12. <i>Diferenças entre sexos nas médias das escalas que avaliam o temperamento infantil (SATI)</i>	45
Tabela 13. <i>Coeficientes de Correlação de Pearson com as dimensões do BSI e a as dimensões do SATI</i>	46
Tabela 14. <i>Coeficientes de correlação de Pearson entre as dimensões do BSI e as dimensões do SDQ</i>	47
Tabela 15. <i>Coeficientes de correlação de Pearson entre as dimensões do SATI e do SDQ</i>	48

1. INTRODUÇÃO

A presente investigação acerca do temperamento infantil parte do interesse em compreender de que modo o relatório comportamental da criança, característico do seu temperamento é percebido pelos pais, com base em instrumentos de avaliação que avaliam o domínio do temperamento das crianças.

A procura de instrumentos que avaliem o temperamento da criança em idade escolar é importante, na compreensão da existência de fatores considerados de risco ou de proteção para o desenvolvimento psicológico da criança. É também importante por como contribuir para o estudo do temperamento infantil e permitir alargar o conhecimento científico nesta área de investigação.

Na presença de estudos do temperamento importa diferenciar o temperamento da personalidade. O temperamento, consiste nos *atributos gerais do indivíduo*, e a personalidade é a *organização do carácter do indivíduo* (Caprara & Cervone, 2000), que integra a componente cognitiva bem como a componente emocional do temperamento, pois este evidencia-se desde cedo e apresenta uma base biológica. O temperamento pode ainda ser definido como as características individuais ao nível da reatividade e da auto-regulação em domínios como o afeto, a atividade, e a atenção.

Os traços do temperamento infantil são uma área de investigação importante, pois influenciam o modo como os pais respondem ao relatório comportamental dos filhos. Os pais apresentam-se como figuras de referência para a criança, sendo as relações com as figuras cuidadoras primárias importantes ao nível do desenvolvimento emocional da criança (Ainsworth & Bowlby, citado em Matthewes & Corr, 2009). No entanto, a influência dos comportamentos da criança reflete-se igualmente sobre as práticas educativas, bem como o desenvolvimento de sintomas de psicopatologia dos pais que interferem na avaliação. Uma das situações que diversos estudos têm vindo a demonstrar (Rothbart, 2012), é que, mães de filhos mais irritadiços, experienciam menor confiança e mais propensão para o desenvolvimento da depressão materna, ao contrário de mães com crianças com um temperamento fácil (Rothbart, 2012).

Um outro aspeto crucial, e que foi central neste estudo, é a compreensão que os pais fazem do comportamento da criança, pois a análise dos traços do temperamento infantil funciona como um fator de proteção e mesmo de intervenção em caso da existência de problemas de comportamento na criança. A existência de uma relação de

causa entre os traços do temperamento infantil e a existência de problemas de internalização nas crianças tem sido estudada (Forbes, Rapee, Camberis & Mahon, 2017). A compreensão de determinados traços ou padrões temperamentais da criança, facilitam o processo da resposta parental às solicitações da criança, pois as práticas parentais adotadas podem estar também a contribuir para a manutenção de determinados comportamentos nas crianças, bem como a psicopatologia parental, como por exemplo, a depressão materna, (Mian, Tango, Lopes & Loureiro, 2009), filhos de mães com depressão, apresentam mais hipótese em desenvolver problemas de internalização e de externalização.

O mesmo acontece com as práticas parentais adotadas que têm um impacto sobre o comportamento da criança e no desenvolvimento de problemas de comportamento, podendo dar origem a problemas de internalização ou de externalização.

O estudo do temperamento, ficou marcado pela presença de estudos conceituados, como o estudo de Thomas e Chess (1995), o estudo de Buss e Plomin (1984), Rothbart (1981) e o estudo de Kagan (1998), que apresentam diferentes conceptualizações no estudo do temperamento, e que serão abordadas detalhadamente na presente investigação.

O estudo de Thomas e Chess (1995) conhecido como a *abordagem estilística do temperamento*, e que ficou conhecida pela definição de três estilos de temperamento, como a criança fácil, difícil e de reação lenta, bem como pelo conceito-chave na sua teoria, o *Goodness of fit*. Outra das abordagens no estudo do temperamento é a *abordagem psicobiológica* de Rothbart (1981), que defende que o temperamento era composto por dois componentes a reatividade e a auto-regulação. Na *abordagem Categorical* de Buss e Plomin o temperamento é constituído por quatro categorias: 1) a emocionalidade, 2) a atividade, 3) a sociabilidade e 4) a impulsividade. A última abordagem, explorada na presente investigação é a *abordagem comportamental* de Kagan, Reznick e Snidman (1998), caracterizada pela compreensão dos comportamentos com base nas reações fisiológicas da criança. Estas teorias representam várias conceções no processo de avaliação do temperamento.

Deste modo, o objetivo principal da presente investigação centra-se em compreender a perceção que os pais têm do comportamento dos filhos, com base na aplicação de questionários que analisam apenas a perceção paterna e materna sobre o temperamento da criança, bem como a sua relação com as suas capacidades e dificuldades.

Neste sentido, o presente estudo encontra-se organizado em cinco capítulos. No primeiro capítulo encontra-se a introdução. No segundo capítulo o enquadramento teórico, composto por três subcapítulos, o primeiro onde é explorado o conceito de personalidade e o conceito de temperamento, um segundo subcapítulo com as teorias de referência já existentes que serviram de suporte empírico para o estudo. O terceiro subcapítulo destina-se à importância das figuras parentais e o processo de vinculação no ajustamento infantil. O último subcapítulo consiste na apresentação dos objetivos e das questões de investigação. O terceiro capítulo é destinado ao método utilizado na presente investigação, que procura especificar o método de investigação a que se procedeu, os recursos que foram usados, bem como o procedimento utilizado. No quarto capítulo apresentam-se os resultados. O quinto capítulo engloba a discussão dos resultados de acordo com os objetivos e as questões de investigação que foram formuladas, podendo compreender-se se foram confirmadas ou refutadas de acordo com os resultados encontrados, bem como a conclusão geral da presente dissertação de Mestrado.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1 Personalidade e Temperamento

O temperamento e a personalidade representam duas abordagens no estudo dos indivíduos (Corr & Matthwes, 2009). De modo a tornar explícitos ambos os conceitos, bem como as suas diferenças importa tornar claro a definição de personalidade e de temperamento.

Por personalidade compreende-se as características externas e visíveis, referindo-se aos aspetos que os outros conseguem ver em nós, bem como a impressão que causamos nos outros (D, Schultz & S, Shchultz, 2015). No entanto, podemos também definir a personalidade com base na perspetiva do sujeito, que se reflete na sua identidade, nos pensamentos, e sentimentos, e comportamentos do indivíduo. Outra noção de personalidade, pode ser compreendida com base nas características psicológicas que diferenciam os indivíduos uns dos outros, pois é através da observação do comportamento do outro que se formam as impressões que formulamos acerca do outro (Caprara & Cervone, 2000).

De acordo com Caprara e Cervone (2000), a psicologia da personalidade defende que o temperamento remete para os atributos psicológicos do indivíduo, ao passo que a personalidade é definida como uma organização das características do indivíduo ao longo da vida. O temperamento, por seu lado, é como um aspeto da personalidade que se expressa precocemente.

2.2. A Pertinência do Estudo do Temperamento Infantil

Os estudos empíricos sobre o temperamento infantil procuraram compreender, por um lado, a relação que existe entre o temperamento da criança e o ambiente onde esta cresce; por outro, a relação entre o temperamento e a herança genética com que a criança nasce. Ou seja, por um lado, a relação entre temperamento e é determinado pelos genes e pode ser influenciada pelo ambiente e, por outro, a relação entre o temperamento e o ambiente parece ser mediada pelos genes (Linca, 2016).

Vários investigadores deram importância à compreensão do temperamento infantil, pois as características temperamentais, que aparecem precocemente – tais como a reatividade, a sociabilidade e a persistência do bebé - parecem influenciar o seu desenvolvimento ao longo da vida. (Forbes, Rapee, Camberis & Mahon, 2017). Assim, a análise dos traços do temperamento infantil é útil na prevenção e intervenção de problemas psicopatológicos, na medida em que há uma relação causal entre os traços do temperamento infantil e o desenvolvimento de problemas de internalização, como a depressão e a ansiedade (Forbes, Rapee, Camberis & Mahon, 2017).

Outros autores referem que os problemas de comportamento têm origem em vários fatores, tais como: 1) a psicopatologia dos pais; 2) o sexo da criança e 3) o contexto em que a criança vive (Abuzili, Pryor, Michel, Melchior & Waerdon, 2017).

2.3 Teorias de Referência no Estudo do Temperamento Infantil

O estudo, levado a cabo em 1956, The New York Longitudinal Study - NYLS, (doravante NYLS) veio transformar a noção de temperamento que se tinha até então. Apesar de se reconhecer, naquela época, a importância que o ambiente exerce sobre a criança, não existiam estudos que estabelecessem uma correlação direta entre as abordagens ambientalistas e o seu impacto na criança. Por um lado o interesse de Thomas e Chess (1995) em compreender que características da criança e por outro, a inexistência de teorias que estabelecessem uma ligação entre a influência do ambiente e o indivíduo levou ao desenvolvimento deste estudo no temperamento (Thomas, Chess, Birch, Hertzog e Korn; citado em Rothbart & Bates, 2008).

O Estudo longitudinal de Nova Iorque (New York Longitudinal Study – NYLS), acompanhou bebés entre os 3 e 6 meses de idade até à idade adulta. Fez parte do procedimento do NYLS numa 1ª fase entrevistar os pais dos bebés e numa 2ª fase, com base na análise dos protocolos das entrevistas identificarem-se os atributos comportamentais dos bebés. Desta análise resultaram nove dimensões do temperamento infantil, a saber 1) o nível de atividade do bebé, 2) a abordagem, 3) a adaptabilidade, 3) o humor do bebé, 4) o limiar de sensibilidade, 5) a intensidade, 6) a distração, 7) o ritmo e 8) a atenção da criança (Thomas et al.; citado por Rothbart & Bates, 2008).

Um outro ponto de vista defendido é o de Konchaska (citado em Rothbart & Bates, 2008) foram apresentados três aspetos fundamentais sobre a criança: 1) traços do temperamento (que fornecem o núcleo da personalidade do indivíduo e que influenciam no seu desenvolvimento); 2) a estabilidade do seu temperamento ao longo da idade, 3) e as vivências da criança pequena que vão ter impacto ao longo da sua vida.

De acordo com Rothbart (2007) é possível estudar o temperamento da futura criança ainda no período fetal. Após o nascimento começam a ser observadas características como o evitamento, a demonstração de sinais de angústia, raiva e frustração que se revelam pelos dois ou três meses de vida.

Outras das características evidenciadas consiste na presença de reações de aproximação como o sorriso e movimentos corporais. Estes também surgem entre os dois e os três meses de vida. Entre os quatro e os seis meses já se consegue avaliar as reações

físicas do bebé. É durante estes meses de vida que se desenvolve o sistema sensório-motor. A reação de medo, que se evidencia sob a forma de inibição comportamental, também é possível de ser observada por volta dos sete meses de idade (Rothbart, 2007).

Autores como Thomas e Chess (1977), Rothbart (1981), Buss e Plomin (1984), bem como Kagan, Reznick e Snidman (1998) desenvolveram diferentes teorias e abordagens acerca do temperamento infantil. Essas abordagens serão desenvolvidas a seguir.

Abordagem Estilística do Temperamento

Na abordagem desenvolvida por Thomas e Chess (1977) o temperamento é visto como o conjunto de diferenças individuais na componente estilística do temperamento, isto é, como o comportamento ocorre. Os autores procuraram compreender como é que o temperamento infantil se evidencia com base no comportamento que a criança apresenta (Muris & Ollendick; citado por Klein & Linhares, 2010). Ao nível do temperamento e de acordo com o estudo supracitado NYLS, as crianças podem ser classificadas em três tipos: 1) crianças com um temperamento fácil; 2) crianças com um temperamento difícil; e 3) crianças com um temperamento de reação lenta (Thomas & Chess, 1995). Para os autores mencionados, estas três dimensões são importantes para explicar o ajustamento infantil e podem ajudar os pais a conseguir adaptar as suas práticas educativas às características comportamentais dos seus filhos (McClowry, citado por Lima, Lemos & Guerra, 2010).

Deste modo, a tipologia supracitada caracteriza-se da seguinte forma (Thomas & Chess, 1995):

As crianças com um temperamento fácil são cooperantes face a tarefas que lhes são exigidas, nomeadamente a adaptação ao primeiro banho ou a um ciclo regular de sono, adaptação à introdução de novo alimentos, ou a novas pessoas ou espaços, (eg. escola). No que se refere à componente emocional e afetiva é desenvolvida com facilidade, i.e. quando os pais se aproximam de um filho com um perfil de temperamento fácil, este tem tendência a sorrir para eles ou para outras pessoas, revelando empatia no contacto.

É importante salientar que uma criança com um temperamento fácil não se caracteriza meramente por reagir positivamente às situações. Pode inclusive experimentar

e demonstrar comportamentos de frustração. O mesmo pode acontecer quando não se identifica com o grupo de pares; i.e. uma criança com um temperamento fácil, que apresenta um comportamento adaptado às exigências parentais, pode depois não se adaptar ao grupo de pares da sua escola, pelo facto de ter as suas próprias estratégias de auto-afirmação. Uma criança com este temperamento tem uma capacidade singular em desenvolver determinado tipo de competências no agir social.

A forma como os pais interpretam o comportamento do filho é importante, pois a presença de comportamentos de culpabilização parental pode condicionar os comportamentos dos filhos. Apesar da colaboração da criança em outras situações, ela pode ter aprendido que determinadas reações (eg. chorar perante os pais), podem ter um ganho secundário. No entanto, são crianças que demonstram ser mais responsivas face aos outros.

Uma criança com um perfil de temperamento difícil exige dos pais outras formas de interação com ela. Alguns pais não conseguem responder às exigências que a criança coloca, ficando apreensivos e angustiados face à forma como a devem educar. Os autores do estudo afirmam que os pais podem ter duas reações perante um filho com um temperamento difícil: sentirem-se culpabilizados pelo problema ou dirigirem a culpa para a criança. (Thomas & Chess, 1995).

No caso das crianças com um temperamento difícil, os pais que as culpabilizam pelos seus comportamentos tendem a exigir da criança uma grande capacidade em adaptar-se a novas situações. Esta exigência pode fazer com que os pais entrem em conflito com filho/a, o que pode contribuir para o surgimento de uma atitude de desafio por parte da criança. Neste sentido, perante situações de conflito os pais com filhos de temperamento difícil tendem a centrar-se nos comportamentos não adaptativos dos filhos, bem como a generalizar a outras situações a percepção que fazem dos comportamentos não adaptativos dos filhos.

Assim, nestes casos os pais tendem a ceder, aprendendo a reagir às exigências da criança. Por sua vez, a criança sabe que os seus pais cedem. Tudo isto pode levar os pais a sentir-se vítimas dos filhos com temperamento difícil (Thomas & Chess, 1995).

O último estilo do temperamento, definido na teoria de Thomas e Chess (1995), é a criança com um temperamento de reação lenta, caracterizado por a criança ter uma adaptação lenta perante situações sociais, que lhe podem provocar, ansiedade, indiferença e apatia. O modo como os pais interpretam estes comportamentos pressiona as crianças a adaptarem-se às novas situações a uma velocidade que vai para além das suas capacidades. Certos pais com crianças com um temperamento de reação lenta não compreendem os evitamentos dos filhos face às situações, considerando que a criança tem que mudar por ela. No entanto, os pais considerados como protetores dos filhos com um temperamento de reação lenta optam por isolar a criança das situações potencialmente difíceis, o que condiciona a criança a explorar novas situações.

Uma característica comum na relação entre pais e filhos com temperamento de reação lenta, é que surgem poucos conflitos e pouca reatividade quando os pais fazem determinadas exigências ao filho. A criança com este perfil de temperamento caracteriza-se por evitar determinadas situações, o que pode revelar-se como desfavorável para o seu desenvolvimento psicológico. Ao passo que os pais com filhos de temperamento de reação lenta tendem percecioná-los como crianças tímidas.

Face à classificação do temperamento infantil desenvolvida por Thomas e Chess (1995), surge a necessidade de encontrar um conceito que definisse o ajuste dos perfis do temperamento infantil. Assim, em 1995 surge o conceito *Goodness of fit*¹ (Thomas & Chess) cujo objetivo era explicar a influência que têm as características das crianças e daqueles que as rodeiam, ou seja, no *Goodness of fit* além da criança ter um papel ativo no ajustamento, o contributo parental é importante, na medida em que os adultos procuram adaptar o seu comportamento ao da criança (Thomas e Chess, 1977, 1995)

Deste modo, relativamente ao conceito de “*goodness of fit*”, estudos recentes como o de Gallagher (2002) exploram o conceito de ajustamento infantil, compreendendo as características comportamentais das crianças evidenciadas na interação social. De acordo com Bronfenbrenner e Moris (citado em Gallagher, 2002), existem dois tipos de ajustamento: 1) o ajustamento positivo, que ocorre quando se expressa uma emoção positiva, com comportamentos autorregulados e interações interpessoais; 2) e o

¹ Termo utilizado na teoria de Thomas e Chess (1995) para explicar o ajustamento infantil.

ajustamento negativo, que se expressa numa emoção negativa com comportamentos disruptivos e a presença de conflitos nos relacionamentos que a criança estabelece.

Abordagem Psicobiológica do Temperamento

Rothbart (citado por Klein e Linhares, 2010) defendeu uma outra abordagem no estudo do temperamento que alterou a conceção até então defendida sobre o mesmo, havendo uma transição entre um modelo estilístico para a presença de um modelo psicobiológico. Para a mesma autora as diferenças individuais vão para além dos estilos comportamentais, pois incluem as diferenças no funcionamento psicofisiológico, à reatividade, a integração das emoções primárias e a auto-regulação da atenção.

Rothbart (2007) defende uma perspetiva desenvolvimentista, ao fazer a avaliação do temperamento em diferentes fases de vida dos indivíduos, defende que o temperamento tem uma base constitucional, isto é, a sua base biológica, ou seja, existe uma componente hereditária que sofre influência ao longo do tempo por parte do desenvolvimento e das experiências vividas no ambiente em que a criança está inserida (Rothbart & Bates, 2008).

A reatividade consiste na capacidade de resposta face a mudanças no exterior e face ao ambiente interno, e são consideradas as reações face à situação, com a presença reações como medo, ansiedade e aceleração do batimento cardíaco. A reatividade pode ser avaliada através da latência, duração, frequência e intensidade das reações, bem como o tempo de recuperação que a criança demonstra face à situação que suscitou determinada reação (Rothbart & Bates, 2008).

Por auto-regulação, compreendem-se os processos de esforço de controlo e orientação que modelam a reatividade, incluindo aproximação/ retraimento, controlo inibitório e atencional. (Rothbart & Bates, 2008).

Além dos dois componentes definidos no estudo de Rothbart, autores como Zentner e Bates (2008), com base na revisão dos estudos de Caspi e Shiner (2006), e de Rothbart e Bates (2006), descreveram alguns dos componentes que constituem o temperamento, mencionados a seguir:

A inibição comportamental considerada como uma dimensão abrangente que integra a timidez, a inibição junto a familiares, a inibição face a desconhecidos, o evitamento de riscos físicos e a inibição quando a criança é avaliada em situações junto a outros, bem como a inibição face a situações de separação. Dentro deste componente, é importante distinguir a inibição no comportamento, e a inibição do controlo inibitório:

Enquanto que a inibição comportamental refere-se a uma componente reativa, resultante de respostas de medo ou aflição em situações novas, e o controlo inibitório consiste na utilização de formas reativas, como o uso regulatório da atenção, bem como a demonstração de comportamentos de evitamento.

Uma outra componente pertencente ao temperamento, a irritabilidade e frustração, define as crianças que ficam facilmente incomodadas com os outros. É considerada como uma das componentes características do temperamento difícil, uma vez que, em estudos realizados com bebés, comparando bebés de temperamento fácil e temperamento difícil, os últimos revelaram níveis mais elevados de irritação, bem como a presença de reações como gritos face a determinadas situações, como por exemplo, na demonstração de fome (Lounsbury & Bates, citado por Zentner & Bates, 2008). A frustração, consiste na reação negativa quando interrompida uma determinada tarefa que estava a ser executada ou quando são impostos limites ou objetivos na realização de determinados comportamentos.

A emocionalidade positiva, outra componente do temperamento considera-se como um dos sistemas de comportamento com maior relevância, envolvendo o processamento de informação sobre recompensas que o indivíduo pode adquirir. As diferenças que os indivíduos demonstram neste componente, expressam-se com base na frequência e intensidade de emoções positivas. A sua presença evidencia-se desde cedo, durante a infância, através de expressões como bater palmas ou através do sorriso (Coy, Husarek, Konchanska e Tjebkes; citado em Zentner & Bates, 2008).

O nível de atividade é uma outra componente mencionada no estudo de Buss e Plomin et al. citado por Zentner & Bates (2008). Esta componente é caracterizada pela quantidade de movimento que o indivíduo apresenta, ou seja o dispêndio total de energia nas atividades.

A atenção e persistência são consideradas como outros dos componentes do temperamento, começando por se expressar no início da infância, pela orientação e fixação em estímulos visuais. Autores como Rothbart e Bates, citado por Zentner e Bates (2008) apresentam um outro conceito dentro desta componente, conhecido por esforço de controlo, ou seja, a capacidade de inibir uma resposta ou ativar uma resposta. Neste sentido, o esforço de controlo, pode subdividir-se em dois domínios: o controlo atencional e o controlo inibitório. Sendo o primeiro dirigido para a capacidade em manter a atenção nas tarefas, ou desviar a atenção quando necessário, e o controlo inibitório à capacidade em planear e acabar uma atividade.

A sensibilidade sensorial, outro dos componentes do temperamento, apesar da controvérsia no estudo de Zentner e Bates (2008) em ser ou não estabelecida como uma componente do temperamento, subdivide-se em sensibilidade a estímulos aversivos e na capacidade em reagir a estímulos sensoriais considerados como pouco estimulantes.

Abordagem Categorical do Temperamento

No estudo de Buss e Plomin (citado em Klein & Linhares, 2010), em que o temperamento é considerado como um conjunto de traços hereditários, sendo esta uma abordagem categorial. Os autores inicialmente, defendiam que o temperamento era constituído por quatro categorias, a emocionalidade, a atividade, a sociabilidade e a impulsividade.

A emocionalidade é caracterizada por uma instabilidade psicológica e a vivência de sentimentos de medo, raiva e tristeza. A atividade, outra das categorias, refere-se ao tempo e resistência nas tarefas, podendo ser medidos pela frequência e amplitude da fala e pelos movimentos que o sujeito faz. A sociabilidade relaciona-se com a capacidade do individuo em demonstrar-se responsivo face aos outros, bem como a capacidade em partilhar atividades e receber atenção por parte dos outros. O último critério, defendido inicialmente na teoria destes autores não foi desenvolvido devido a terem percebido que a impulsividade não surge até ao período da idade escolar, o que contradiz o que inicialmente defendiam com a sua teoria.

A última perspectiva apresentada no estudo do temperamento é proposta por Kagan, Reznick e Snidman (citado em Klein & Linhares, 2010), em que o temperamento é percebido como um padrão de comportamentos.

De acordo com Kagan (citado em Zentner & Bates, 2008), existem dois tipos de perfis de comportamento: as crianças inibidas e as desinibidas, que desenvolvem padrões de aproximação ou de retraimento durante a infância. De acordo com Kagan, citado em Zentner & Bates, 2008, apesar da existência de um padrão de inibição em algumas crianças, nem todas se desenvolvem como adultos tímidos e ansiosos, pois esta predisposição biológica que têm de inibição, pode fazer com que aprendam a desenvolver estratégias para lidar com este comportamento

2.4 A Importância das Figuras Parentais e o Processo de Vinculação no Ajustamento Infantil

Alguns autores como Buss e Plomin (1984), relacionam o comportamento da criança apresentado na situação estranhada, com o temperamento (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, citado em Buss & Plomin, 1984), uma vez que o comportamento pode ser avaliado com base nas dimensões do temperamento como a aproximação / retraimento, a qualidade do humor, a adaptabilidade e a intensidade da resposta da criança. Consoante a resposta da criança à separação materna, definem-se três tipos de crianças, a criança segura, que permite a ausência materna sem que fique a chorar e que corre para junto da mãe quando esta regressa. A criança que evita, que se manifesta após a saída da mãe e que após o seu regresso ignora a figura materna, e a criança resistente que fica zangada quando a mãe regressa. Ou seja, esta teoria permite compreender além da relação de vinculação, o comportamento de interação social que a criança desenvolveu.

De acordo com Corr e Matthews (2009), importa mencionar a teoria de Bowlby (1969, 1982, 1973) no estudo do temperamento. O sistema de vinculação parte da capacidade e disponibilidade de resposta das figuras de vinculação à criança, quando necessita de algo. As relações com as figuras cuidadoras primárias durante os primeiros anos de vida têm um papel essencial no desenvolvimento físico e emocional das crianças (Ainsworth & Bowlby, citado em Matthews & Corr, 2009), uma vez que estas figuras

podem ou não transmitir segurança, confiança e proteção para as crianças conseguirem explorar o mundo ao seu redor (Mota & Melo, 2014).

Neste sentido, na interação segura a criança desenvolve a competência de que perante a presença de situações ameaçadoras, a criança recebe apoio por parte dos outros. O mesmo não acontece quando esta vinculação não está disponível, desenvolvendo modelos negativos para a criança e para as suas realizações, pondo em causa as estratégias de regulação de afeto.

Deste modo, a vinculação apresenta um papel importante no desenvolvimento infantil. Quando existe a presença de uma vinculação insegura, a criança apresenta um maior risco de desenvolver problemas de externalização e de internalização (Machado & Diogo, 2017).

2.4.1 Psicopatologia Parental e Problemas de Internalização e Externalização das Crianças

A relação entre a vinculação e o aparecimento de problemas de comportamento pode ser justificado por mudanças sociais e familiares, ou seja, no que se refere a mudanças a nível profissional, ao desemprego dos pais, que podem ser vistos como fatores de risco, levando ao desenvolvimento de problemas de internalização ou de externalização nas crianças (Stroufe, citado por Machado & Diogo, 2017). Neste sentido, pode a psicopatologia parental apresentar um contributo no desenvolvimento destes problemas. Um dos problemas do foro psicopatológico mencionado na literatura com um dos possíveis preditores destes problemas, é a depressão materna (Campbell, 2010)

Os problemas de comportamento das crianças, podem classificar-se em problemas internalizantes ou externalizantes. Os comportamentos externalizantes, consistem em comportamentos de agressividade, e ameaça a pessoas ou animais, e que provocam impacto a nível de prejuízo ou destruição (Rosando, 2013). Os problemas de internalização, caracterizam-se pela timidez, o medo e problemas ao nível da relação com os outros, ou seja, na interação social (Rosando, 2013).

De acordo com Campbell (2010) a depressão materna caracterizada pela presença de uma tristeza prolongada e um sentimento de desesperança, relaciona-se com a

existência de práticas parentais pouco exigentes, levando ao desenvolvimento de problemas sociais e cognitivos desde os primeiros meses de vida até à idade pré-escolar.

De acordo com o estudo de Comodo, Prette e Prette (2017) em relação às habilidades sociais dos pais e dos filhos mostram que pode existir uma transmissão inter-gerações dos comportamentos. Neste sentido, verifica-se uma correlação entre as habilidades sociais das mães superior à do pai, sendo justificado na cultura ocidental pelo facto da responsabilidade educativa estar mais direccionada para o papel materno. (Silveira, Pacheco, Schneider & Cruz; citado em Comodo, Prette & Prette, 2017).

De acordo com Boyle, Pickles, Langrock & cols, Najman & cols (citado por Mian, Tango, Lopes & Loureiro, 2009), os filhos de mães com depressão, em comparação com mães que não apresentam historial psicopatológico, apresentam problemas de externalização e de internalização. Porém, os problemas de ansiedade e depressão que as mães apresentam, influenciam de forma diferente o desenvolvimento de problemas internalizantes e externalizantes nos rapazes e raparigas.

Autores como Mian, Tango, Lopes & Loureiro (2009), defendem que as mães com depressão apresentam uma visão negativa acerca dos filhos, influenciando a perceção materna acerca das competências das crianças.

Apesar de variados estudos direccionarem as suas investigações para o estudo da relação da díade mãe-filho, o contributo dos pais é importante, ambos contribuem para compreender a vinculação durante a infância (Nunes, Faraco, Vieira & Rubin, 2013), pois a não consideração do papel do pai quando se estuda o desenvolvimento de problemas do comportamento infantil, deixa uma lacuna nas investigações, uma vez que só temos acesso à relação da díade (mãe-filho) e não à relação da criança com o pai, o que pode enviesar os resultados nos estudos da problemática, uma vez que ambas as figuras desempenham um papel importante para a criança. (Connell & Goodman, 2002).

No entanto alguns estudos não envolvem o papel dos pais, uma vez que a adesão dos pais em colaborar é mais reduzida comparativamente à participação materna, bem como existem diferenças no que se refere à psicopatologia paterna e materna. Outros estudos, Kaplan (citado em Phares, 1992), verificam que as mulheres apresentam diagnósticos prevalentes de problemas internalizantes, como a depressão, e nos homens

as patologias são direcionadas para perturbações ligadas ao consumo de substâncias ou alguns transtornos de personalidade.

Outro dos contributos para o desenvolvimento de problemas de comportamento, encontra-se ligada a um dos perfis de temperamento mencionados na teoria de Thomas e Chess (1995), pois as crianças com este perfil temperamental, bem como os défices de auto-regulação associados, prejudicam na internalização e cumprimento de regras sociais. Além de que as crianças com um temperamento difícil, tendem a desenvolver respostas punitivas nos pais, desenvolvendo assim, com base na modelagem, um estilo punitivo ou agressivo para com os outros, externalizando deste modo o seu comportamento. O perfil de temperamento difícil, encontra-se como sendo um fator de risco no desenvolvimento de perturbações do comportamento (Carr, 2006).

2.4.2 O contributo das práticas parentais

Outro dos contributos no comportamento das crianças, relaciona-se com a interação entre as características da criança e as práticas educativas. Autores como Maccoby e Martin (1983), apresentam uma teoria relevante no que se refere ao exercício parentalidade, que assenta em duas visões: a aceitação/ responsividade parental, e a exigência/ controlo parental.

A aceitação/ responsividade parental remete para a atenção que os pais dão às necessidades das crianças, desde comportamentos de comunicação, afetividade e comportamentos de reciprocidade. O controlo/ exigência parental, consiste no controlo que os pais exercem sobre os filhos, relacionados com comportamentos de supervisão, e de disciplina. Neste sentido, com base nestes comportamentos adotados pelos pais, identifica-se a presença de estilos parentais que têm impacto na educação da criança. Um estudo mais recente de Renninger e Sigel (2006), explora este tema dos estilos educativos, desenvolvidos por Maccoby e Martin (1983).

O primeiro estilo identificado é o estilo autoritativo ou competente, caracterizado pela exigência parental. São pais que conseguem controlar o comportamento da criança de acordo com as normas sociais, mas também estabelecem amor, confiança, e compreensão (Renninger & Sigel, 2006).

O segundo estilo parental refere-se aos pais negligentes ou ausentes. Caracterizados por não serem exigentes com os filhos, pois não se comprometem com a educação dos filhos e não se preocupam em ser responsivos face às necessidades básicas da criança. Outro dos estilos parentais identificados remete para uma elevada responsividade e uma baixa exigência, caracterizado por pais permissivos, fornecedores apenas da componente emocional à criança. O último estilo parental identificado por estes autores, remete para os pais autoritários, que impõem limites e exigências, e fornecem pouco afeto à criança, apresentando-se com atitudes exigentes, conservadoras e intolerantes, estabelecendo um controlo no comportamento da criança.

Neste sentido, e indo ao encontro do impacto que as figuras parentais têm na relação que estabelecem com a criança e face ao seu comportamento, Renninger e Singel (2006), defendem o modelo parental baseado no uso do feedback. Com base no uso do feedback positivo, abertura, negociação, a capacidade de ouvir e a proximidade emocional, os pais facilitam o processo dos filhos se sentirem aprovados e aceites, contribuindo para a sua auto-valorização.

Quando mencionadas as práticas ou estratégias parentais, é importante mencionar que estas podem desempenhar um papel como fator de risco ou proteção no que se refere ao desenvolvimento dos indivíduos (Patias et al., 2013)

As práticas parentais, referem-se às estratégias que são usadas pelos pais com o objetivo de educar a criança, identificando-se nestas quer o uso de punições, explicações, quer o uso de recompensas (Patias et al., 2013).

Alguns autores como Patias et., al (2013), mencionam um outro aspeto relevante, o modo como os pais foram educados. No sentido em os indivíduos internalizam os modelos vivenciados com base nas suas experiências de vida, contribuindo para a aprendizagem de determinados modelos, e influenciando as suas práticas parentais.

De acordo com Hoffman (1960), os pais adotam duas formas diferenciadoras na alteração do comportamento dos filhos, ou seja, o uso de uma base assertiva ou indutiva.

A utilização do poder assertivo é feito em diversas situações sociais, como forma de direcionar uma pessoa a agir contrariamente aquilo que pretende. No relacionamento entre pais e filhos, o uso do poder assertivo resulta como uma forma de se estabelecerem

as regras e os limites. Pois, os pais têm uma competência de asserção face à criança que lhes permite escolherem as técnicas que exercem poder na criança para a mudança do comportamento (Hoffman, 1960).

De acordo com Hoffman (1960), recorrendo a uma base assertiva os pais implementam as suas regras, que independentemente da vontade da criança, o objetivo é que haja uma alteração do comportamento. Uma das características presentes, nos pais assertivos, prende-se com o facto de não explicarem nem fazerem uso de recompensas na mudança do comportamento da criança. Estes comportamentos, têm um impacto na criança na medida em que é obrigada a alterar o seu comportamento contra a sua vontade, neste sentido, surgem sentimentos de hostilidade face a atuação dos pais.

Outra das técnicas utilizadas pelos pais, remete para a utilização de uma base indutiva com recurso ao uso da explicação, em que os pais procuram que a criança modifique o seu comportamento.

2.5. Objetivos e questões de investigação

Com base no objetivo principal do presente estudo acerca do temperamento infantil, e com base nos estudos de Thomas e Chess (1995); Lima, Lemos e Guerra (2010), Canavarro (1993), fundamentou-se os objetivos de investigação as questões de investigação que se pretendia estudar.

O objetivo geral é compreender a perceção que os pais têm do comportamento dos filhos, classificando o estilo de temperamento que a criança apresenta com base nas dimensões fornecidas pelo instrumento de medida- SATI.

Objetivo 1: Realizar uma análise da validade da adaptação do Inventário de Temperamento (SATI), para crianças em idade escolar, a uma população portuguesa procurando compreender a sua adequação a idades entre os 5 anos e os 14 anos;

Objetivo 2: Explorar a possível relação entre os dados obtidos no SATI e a perceção que os pais têm do comportamento adaptativo ou não adaptativo dos seus filhos;

Objetivo 3:Relação entre os perfis de temperamento e os problemas de comportamento das crianças;

Objetivo 4: Comparar a perceção que os pais com e sem psicopatologia têm do temperamento infantil. Com base nestes objetivos de investigação, formulou-se as

questões de investigação com base na utilização dos questionários e nos estudos existentes acerca do temperamento

De forma a dar continuidade ao presente estudo, formulou-se as seguintes questões de investigação:

- 1) *Será que existem diferenças entre a percepção materna e paterna na avaliação do temperamento infantil?*
- 2) *Será que a sintomatologia depressiva dos pais contribui para a percepção que têm acerca das reações afetivas negativas dos filhos?*
- 3) *Será que a sensibilidade interpessoal dos pais contribui para a percepção das dificuldades de socialização dos filhos?-*
- 4) *Será que existe uma associação entre o temperamento da criança e os seus comportamentos, nomeadamente as capacidades e dificuldades da criança?*

3. MÉTODO

3.1 Participantes

Para o presente estudo, a população alvo foram pais de crianças com idades compreendidas entre os 5 e os 14 anos de idade, para a seleção da amostra, teriam que ser crianças que estivessem entre o ensino pré-escolar e o ensino básico, e que residissem com um dos pais, uma vez que os questionários eram dirigidos aos pais.

Participaram no estudo, encarregados de educação com idades compreendidas entre os 26 e os 64 anos, contando com um N de 42 participantes do sexo masculino e 57 do sexo feminino. O total de encarregados de educação que colaboraram na investigação foi de inicialmente 100 participantes, mas após a inclusão dos dados no programa estatístico (SPSS) um dos participantes foi excluído do estudo, devido à falta de adesão em completar a resposta aos questionários, pelo que o presente estudo conta com um N de 99 participantes.

Ao nível da nacionalidade o estudo conta com 97 participantes de nacionalidade portuguesa, 1 participante de nacionalidade brasileira e 1 participante de nacionalidade italiana dos encarregados de educação. Referentemente ao nível de escolaridade, prevalece uma amostra com formação com o 12^a ano de escolaridade e com formação universitária (ensino secundário – 50,5% ensino superior – 46,5 %; e ensino básico com uma prevalência muito reduzida de apenas 3%). Ao nível da situação profissional, prevalece uma amostra de com 91,9 % que se encontra empregada.

Relativamente à zona de residência, 5 participantes residem na zona rural, 94 participantes residem na zona urbana.

Relativamente ao estado civil, 9 participantes encontram-se solteiros, e 24 participantes encontram-se em união de facto, 58 participantes encontram-se casados, e 8 participantes encontram-se divorciados.

Relativamente às respostas dos pais em relação aos educandos, temos um N= 47 rapazes e um N=52 raparigas, com idades compreendidas entre os 5 e os 14 anos, com uma maior prevalência nos 5 anos de idade, 20% e os 16 anos, 16,2% com uma média de idades de M=9,24 e um D.P=3,379.

Em termos do ano de escolaridade, o ensino pré-escolar apresenta uma prevalência de 25,3%, e o 3º ciclo, com 24,2%. A caracterização sociodemográfica dos encarregados de educação e dos educandos, encontra-se na tabela 1 e 2,

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica dos encarregados de educação

Variáveis		N	%	M	D.P	Min	Máx
Idade dos encarregados de educação	Masculino	42		41,14	7,76%	26	64
	Feminino	57					
Nacionalidade	Portuguesa	97	98%				
	Brasileira	1	1%				
	Italiana	1	1%				
Local de residência	Zona rural	5	5,1%				
	Zona Urbana	95	94,9%				
	Ensino básico	3	3%				
Escolaridade	Ensino Secundário	50	50,5%				
	Ensino Universitário	46	46,5%				
	Encontra-se empregado	91	91,9%				
	Encontra-se Desempregado	8	8,1%				
Estado Civil	Solteiro	9	9,1%				
	União de facto	24	24,2%				
	Casado	58	58,6%				
	Divorciado	8	8,1%				
Número de filhos	1	30	30,3%				
	2	46	46,5%				
	3	18	18,2%				
	4>	4	4%				

Tabela 2. Caracterização Sociodemográfica dos Educandos

		N	%	M	DP	Min	Máx
Sexo do filho avaliado	Masculino	47	47,5%		0,502		
	Feminino	52	52,5%				
Idade do filho avaliado	5	20	20,2	9,24	3,38	5	14
	6	11	11,1%				
	7	9	9,1%				
	8	9	9,1%				
	9	4	4%				
	10	2	2%				
	11	9	9,1%				
	12	12	12,1%				
	13	7	7,1%				
	14	16	16,2%				
Ano escolaridade	Pré-escolar	25	25,3%				
	1º ciclo	34	34,3%				
	2º ciclo	16	16,2%				
	3º ciclo	24	24,2%				

3.2 Instrumentos

3.2.1 Questionário Sociodemográfico

Neste estudo foi utilizado um questionário sociodemográfico (Anexo I) onde foram questionados aspetos relacionados com os encarregados de educação e com os educandos. Relativamente aos encarregados de educação eram questionados aspetos como o sexo, idade, nacionalidade, a zona de residência, escolaridade, a situação profissional, bem como uma questão direccionada para o acompanhamento psicológico. Relativamente ao que os encarregados de educação respondiam acerca dos educandos relaciona-se com aspetos, como o sexo do filho avaliado, a idade do filho avaliado, o número de filhos, o ano de escolaridade, bem como a questão direccionada para o acompanhamento psicológico.

3.2.2 BSI – Inventário de Sintomas Psicopatológicos (Derogatis 1982; adaptado por Canavarro, 1996)

O BSI, consiste num questionário que pode ser administrado a pacientes com problemas psiquiátricos ou psicológicos, bem como a outros doentes e à população em geral que não tenha diagnóstico de qualquer tipo de perturbação (Anexo II).

O objetivo deste inventário é avaliar os sintomas psicológicos em termos de 9 dimensões de sintomatologia, bem como fazer uso dos três índices globais, que fornecem uma avaliação sumária acerca da perturbação emocional.

É composto deste modo pelas 9 dimensões: a somatização, as obsessões-compulsões, a sensibilidade interpessoal, a depressão, a ansiedade, a hostilidade, a ansiedade fóbica, a ideação paranóide e o psicoticismo.

A somatização, consiste numa dimensão que reflete o mal-estar que resulta da percepção que o sujeito tem do funcionamento somático (item 2 “*Tonturas ou desmaios*”), as obsessões-compulsões, inclui sintomas obsessivos (item 5 “*Dificuldade em lembrar-se das coisas*”) a sensibilidade interpessoal, que reflete os sentimentos de inadequação pessoal, inferioridade, sobretudo quando o sujeito se compara com os outros (Item 20: “*Ficar facilmente ferido/a nos seus sentimentos*”).

Na depressão, os itens refletem os indicadores de depressão clínica (Item 9 “*pensamentos de acabar com a vida*”, na ansiedade os indicadores gerais de ansiedade (“Item 1: *Nervosismo ou agitação interior*”). A hostilidade remete para pensamentos, emoções, e comportamentos do estado afetivo negativo da cólera (Item 6 *Sentir-se facilmente aborrecido/a ou irritado/a*). A ansiedade fóbica, refere-se à resposta de medo persistente (Item 8 “*Sentir medo em espaços abertos*”).

A ideação paranóide, representa o comportamento paranóide (item 4 “*Sentir que os outros são culpados da maior parte dos seus problemas*”). E o psicoticismo, caracteriza-se como sendo uma dimensão continua acerca da experiência do ser humano (item 3: “*Ideia que alguém pode controlar os seus pensamentos*”).

É composto ainda por três índices globais, o índice geral de sintomas (IGS) – onde são somadas as pontuações de todos os itens, dividindo pelo número total de respostas. É composto também pelo total de sintomas positivos (TSP) - que se obtêm contando o número de itens assinalados com uma resposta positiva- com um valor superior a 0.

Outro dos índices consiste, no índice de sintomas positivos (ISP), que se obtém através dividindo a soma de todos os itens do TSP. Optou-se por decisão na investigação do presente estudo, utilizar-se o cálculo de todas as dimensões e apenas o cálculo do índice geral de sintomas (IGS).

Em termos de estudos de validade, concluiu-se que este apresenta capacidade de distinguir os indivíduos perturbados emocionalmente dos indivíduos que não apresentam perturbações emocionais. No que remete ao estudo da fidelidade, as correlações que foram obtidas em cada item e em geral na escala, deveram ser superiores ao valor de 0.20. O BSI, apresenta valores do alfa entre 0.7 e 0.8, exceto nos valores das escalas da ansiedade fóbica e no psicoticismo, bem como alguns itens destas escalas que têm valores mais baixos, o que é justificado com base nas correlações de Split-Half e os coeficientes de Spearman-Brown, referem que existem uma menos consistência interna das mesmas escalas. A correlação de *Pearson*, indica que o BSI, apresenta-se com uma boa estabilidade temporal, num intervalo de três a seis semanas entre as duas aplicações (Canavarro, M.C, 1996; Simões, M.R., Machado, C., Gonçalves, M.M. & Almeida, L.S.)

3.2.3 School-Age Temperament Inventory - SATI (McClowry, 1995; traduzido e adaptado para a população portuguesa por Lima, Serra de Lemos & Guerra (2010)

O SATI (School-age Temperament Inventory), consiste num questionário direcionado para os pais e cuidadores de crianças com idades compreendidas entre os 8 e os 11 anos. É constituído por 38 itens, com uma escala de *likert* entre 1 (nunca) e 5 (sempre), com objetivo de avaliar quatro dimensões: a reatividade negativa, a persistência na tarefa, a sociabilidade e a atividade (Anexo III).

A dimensão de reatividade negativa, reflete a intensidade e a frequência com que a criança apresenta reações negativas, como a presença e choro, expressões de frustração ou fúria, gritos.

A dimensão persistência na tarefa, que reflete a orientação da criança para uma determinada tarefa. A dimensão de sociabilidade, representa as respostas de socialização da criança perante situações e pessoas familiares ou não. A quarta dimensão, consiste na atividade, ou seja, a forma como a criança despende a sua atividade motora nas tarefas.

Relativamente às qualidades psicométricas, o SATI apresenta-se como um instrumento fidedigno e válido para a sua respetiva utilização. A fidelidade, analisada com base no alfa de Cronbach, obteve valores entre 0.85 e 0.90 (Lima, Lemos & Guerra, 2010). Este questionário foi ainda reavaliado em termos das suas qualidades psicométricas, com três amostras diferentes com pais de crianças e de adolescentes, com idades entre os 8 e os 14 anos, com naturalidades diferentes, uma Norte- Americana e outra Australiana, onde foram confirmadas a validade e fiabilidade do instrumento (McClowry, Halverson & Sanson, citado em Lima, Lemos & Guerra, 2010). Inicialmente o SATI tinha sido desenvolvido para crianças entre os 8 e 11 anos, McClowry et al, citado em Lima, Lemos e Guerra, 2010) mas demonstrou apresentar qualidades psicométricas até aos 14 anos de acordo com McClowry.

Foi utilizada na investigação a adaptação do inventário de temperamento para crianças da autoria de Lima, Lemos e Guerra (2010), autorizado pelos presentes autores o seu uso (em anexo VIII).

Para a identificação dos perfis de temperamento, as dimensões do SATI foram submetidas a uma análise fatorial no estudo de Lima, Lemos e Guerra (2010). Procedeu-se a uma análise fatorial de segunda ordem, com rotação *varimax*, os autores procederam ao mesmo critério que McClowry (2002), que defendia existir 4 dimensões, a inclusão de um item num determinado fator foi realizada utilizando uma saturação igual ou superior a 0,35 sendo que para o estudo apenas foram interpretadas saturações acima de 0,40, extraíndo dois fatores de segunda ordem, com uma variância de 39,1%. O fator 1, agrupa 3 dimensões, a reatividade negativa ($r=0,604$), a baixa persistência na tarefa ($r=0,631$) e a elevada atividade ($r=0,582$). O fator 2 engloba apenas duas dimensões, elevado retraimento ($r=0,527$) e elevada reatividade negativa ($r= 0,426$).

Neste sentido a versão portuguesa de Lima, Lemos e Guerra (2010) apresentou a mesma estrutura fatorial, e distribuição de itens para as quatro dimensões do temperamento, para as idades entre os 8 e os 12 anos.

A cotação é obtida para cada uma das dimensões, através da soma total das respostas dividida pelo número de itens respondido nessa dimensão, obtendo deste modo um perfil de temperamento infantil.

2.2.4 SDQ- Questionário de Capacidades e de dificuldades (Goodman 2005; traduzido e adaptado por Fleitlich, Loureiro, Fonseca & Gaspar, 2014).

Consiste num questionário breve, que avalia o ajuste psicológico das crianças aplicado a idades entre os 3 e 16 anos, existindo versões para pais, professores e mesmo para as crianças (Anexo IV). É composto por 25 itens, divididos em cinco escalas: a escala de sintomas emocionais (*item 8 “tem muitas preocupações, parece sempre preocupado/a”*), a escala de problemas de comportamento (*item 7 “obedece com facilidade”*), a escala de hiperatividade (*item 2 “É irrequieto/a, muito mexido/a, nunca para quieto/a”*), a escala de relacionamento com colegas (*item 6 “tem tendência a isolar-se”*) e a escala de comportamento pró-social (*item 9 “Gosta de ajudar se alguém está magoado, aborrecido ou doente”*).

Consiste num questionário, cujo seu uso pode ser aplicado a diversos contextos, desde a sua utilização em contexto clínico, para avaliação clínica, permitindo obter detalhes acerca das capacidades da criança e facilitar o processo em consulta.

Pode ainda ser utilizado para avaliação antes e após, com o objetivo de fazer uma avaliação, em contexto clínico, escolar, bem como para avaliar intervenções específicas, como por exemplo, relativamente a grupos.

Em termos epidemiológicos, o SDQ tem sido utilizado em estudos de desenvolvimento, genéticos, sociais, clínicos e educacionais, bem como pode fazer-se uso deste questionário, como triagem, para prever-se a presença de um distúrbio psiquiátrico no indivíduo.

Em termos psicométricos, apresenta uma estrutura fatorial de acordo com o que foi originalmente apresentado por Goodman, citado em Saur e Loureiro, 2012, reportando a cinco fatores. Relativamente à validade da escala apresenta para o questionário da versão dos pais valores entre 0,63 e 0,88 no alfa de Cronbach.

A cotação é obtida através da soma do valor de cada item pertencente a cada uma das escalas, bem como se obtém um valor da pontuação total de dificuldades com o valor de cada uma das escalas.

3.3 Procedimento

Foi solicitada autorização para a realização do presente estudo junto de uma associação de solidariedade social no concelho , com um envio de um *e-mail*, e posteriormente de um documento formal à coordenação da instituição, na qual se marcou uma reunião de modo a ser explicado o objetivo do estudo. A presente instituição integra apoio social e educativo desde o berçário, creche, infantário, um espaço de ATL (atividades dos tempos livres), até às salas de estudo, para alunos que frequentam o ensino básico. Durante os meses de Maio e Junho procedeu-se à aplicação dos questionários.

Foi enviado um documento aos pais, a informar que iria decorrer uma investigação na associação, por sugestão da coordenação da presente instituição (Anexo V).

Após uma semana, foi-me informado que poderia entregar os envelopes junto da associação, e que a distribuição pelas salas ficaria assegurada pelas educadoras e auxiliares de educação. Relativamente às questões éticas, foram asseguradas, salvaguardando que o estudo era anónimo e a sua participação voluntária. Posteriormente, a cada envelope recebido foi atribuído um código, de modo a identificar cada um dos questionários sem revelar-se a identidade do participante.

A possibilidade de se receber informações pós-estudo foi assegurada, disponibilizando-se o correio eletrónico da investigadora para possíveis questões ou interesse nos resultados por parte dos participantes.

4. APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

Os dados foram analisados estatisticamente através de correlações e comparações entre médias, com recurso ao programa estatístico – SPSS.

4.1 Qualidade Psicométrica dos Instrumentos

Tabela 3. Análise de Consistência Interna das dimensões do BSI

Dimensões	Nº itens	Alfa de Cronbach
Somatização	7	,835
Obsessões- Compulsões	6	,761
Sensibilidade Interpessoal	4	,786
Depressão	6	,839
Ansiedade	6	,863
Hostilidade	4	,707
Ansiedade fóbica	5	,741
Ideação Paranóide	5	,751
Psicoticismo	5	,751

A consistência interna das várias subescalas do BSI foi analisada, recorrendo ao *alfa de cronbach*, mostrando-se elevada em todas as dimensões do questionário do BSI.

Tabela 4. Análise da consistência interna dos itens do SATI

Dimensões	Nº itens	Alfa de Cronbach
Reatividade Negativa	13	,801
Persistência da Tarefa	11	,051
Sociabilidade	8	,099
Atividade	6	,748

Relativamente a análise da consistência interna das escalas do SATI, apenas duas escalas apresentam valores elevados, pois a escala de reatividade negativa, apresenta um *valor forte* ao nível da consistência, e um *valor aceitável* ao nível da atividade (Pallant, 2007). No entanto as escalas de persistência na tarefa e sociabilidade apresentam valores muito baixos, não apresentando fiabilidade para a sua aplicação a crianças a partir dos 5 anos de idade. Neste sentido, uma vez que se está perante número de itens reduzido (a baixo de 10, de acordo com Pallant, 2007), terá que ser analisada a média inter-itens, que deverá apresentar valores entre .48 e .76, no entanto apresentam valores abaixo deste valor intervalar: Sociabilidade – 0.25; Persistência na tarefa – 0.26, o que justifica que são escalas que não apontam a fiabilidade desejada para a sua aplicação a crianças desde os 5 anos de idade, conforme o objetivo pretendido na investigação.

Tabela 5. Análise da consistência interna dos itens do SDQ

Dimensões do SDQ	Nº de itens	<i>Alfa de Cronbach</i>
Sintomas Emocionais	5	,575
Problemas de comportamento	5	,491
Hiperatividade	5	,784
Relacionamento com os colegas	5	,452
Comportamento Pró-Social	5	,610

A escala que apresenta um valor de consistência interna mais elevado é a escala de hiperatividade, as escalas de comportamento pró-social e a de sintomas emocionais, apresentam um valor de consistência aceitável (Pallant,2007). As restantes escalas, como a escala de problemas de comportamento, e de relacionamento com os colegas, apresentam valores reduzidos ao nível da fiabilidade dos itens, o que pode ser justificado por um N reduzido no presente estudo, diminuindo o efeito consistência destes mesmos itens.

4.2 Estatística descritiva das dimensões do BSI, SATI e SDQ

Tabela 6. Estatística descritiva das dimensões do BSI

	<i>Masculino</i>		<i>Feminino</i>		<i>Média</i>	
	<i>M</i>	<i>D.P</i>	<i>M</i>	<i>D.P</i>	<i>Total</i>	<i>D.P</i>
Somatização	0,29	0,54	0,39	0,51	0,35	0,52
Obsessões	0,67	0,50	0,71	0,55	0,69	0,53
Compulsões						
Sensibilidade	0,51	0,59	0,66	0,70	0,60	0,66
Interpessoal						
Depressão	0,44	0,59	0,42	0,56	0,43	0,57
Ansiedade	0,62	0,77	0,67	0,64	0,64	0,70
Hostilidade	0,42	0,47	0,54	0,57	0,49	0,53
Ansiedade	0,28	0,49	0,23	0,43	0,25	0,45
Fóbica						
Ideação	0,70	0,56	0,76	0,77	0,74	0,68
Paranóide						
Psicoticismo	0,27	0,43	0,34	0,53	0,31	0,49

Tabela 7. Estatística descritiva das dimensões do Sati

	<i>Masculino</i>		<i>Feminino</i>	<i>D.P</i>	<i>Média</i>	<i>D.P</i>
	<i>M</i>	<i>D.P</i>	<i>M</i>		<i>total</i>	<i>Total</i>
Reatividade negativa	2,69	0,65	2,56	0,48	2,63	0,57
Persistência na tarefa	2,46	0,48	2,53	0,31	2,50	0,13
Sociabilidade	2,86	0,40	2,81	0,46	2,83	0,43
Atividade	2,26	0,71	2,26	0,76	2,26	0,73

Tabela 8. Estatística descritiva SDQ

	<i>Masculino</i>		<i>Feminino</i>		<i>Média total</i>	<i>D.P Total</i>
	M	D.P		D.P		
Escala de sintomas emocionais	2,15	2,01	2,50	2,06	2,33	2,04
Escala de problemas de comportamento	1,81	1,74	1,82	1,45	1,82	1,59
Escala de Hiperatividade	4,34	2,85	4,00	2,60	4,16	2,71
Escala de problemas de relacionamento com os colegas	1,39	1,45	1,25	1,62	1,32	1,54
Escala de comportamento pró-social	7,83	1,73	8,29	1,72	8,10	1,73

4.3 Diferenças entre grupos - Análise multivariada - MANOVA

Nesta secção procedeu-se a análise de resultados com base nas questões de investigação que foram formuladas.

Procedeu-se à análise multivariada com recurso à estatística de *Pillai*, utilizada em amostras com dimensões pequenas de acordo com Pallant (2007). Com recurso à Manova testa-se as médias das variáveis em grupos que diferem entre si, avaliando a significância, bem como comparando as médias entre grupos (Pallant,2007)

BSI – Análise Multivariada

O BSI, apresenta um traço de *Pillai* = 0.126; $F(9,87) = 1.389$; $P=0,206$. Apesar de não se verificar diferenças significativas, podemos constatar na tabela 9, as diferenças observadas ao nível das dimensões do BSI entre sexos, que revela que as mulheres apresentam resultados médios mais elevados nas dimensões da somatização, obsessões compulsões, na sensibilidade interpessoal, na ansiedade, na hostilidade, na ideação paranóide e ao nível do psicoticismo. Referente às dimensões da depressão, e ansiedade fóbica os resultados médios revelam-se mais elevados nos homens. Ao nível da significância nenhum resultado se demonstra com um nível de significância abaixo de 0.05.

O efeito do tamanho pode ser analisado, com base no erro parcial quadrado. Sendo que isto representa a proporção de variância na variável dependente que explica o efeito na variável independente. Neste caso os valores apresentam-se com um efeito muito reduzido, isto significaria que 0.05% representa a variação de somatização explicada em ambos os sexos. No entanto, não existem valores elevados o que pode ser explicado pela existência de um N reduzido.

Tabela 9. Análise multivariada (Manova) dos itens do BSI

Dimensões do BSI	Sexo Masculino (N= 42)	Sexo Feminino (N=55)		
	<i>M</i>	<i>M</i>	<i>Sig.</i>	<i>Erro parcial quadrado</i>
Somatização	0,30	0,38	,477	0,005
Obsessões-compulsões	0,67	0,71	,696	0,002
Sensibilidade interpessoal	0,51	0,63	,361	0,009
Depressão	0,44	0,43	,877	0,000
Ansiedade	0,62	0,64	,885	0,001
Hostilidade	0,42	0,51	,382	0,008
Ansiedade Fóbica	0,28	0,22	,567	0,004
Ideação paranóide	0,72	0,69	,880	0,000
Psicoticismo	0,27	0,33	,563	0,004
Índice Geral de sintomas	0,46	0,49	,755	,001

Nota. A negrito encontram-se os valores superiores na comparação entre o sexo feminino e masculino

Sati – análise multivariada

O SATI, apresenta um traço de Pillai = 0,08; $F(4,88) = 0,182$; $P = 0,947$. Referentemente à análise das dimensões com base no sexo da criança avaliada, mostraram-se algumas diferenças nos resultados médios apresentados na Tabela 9. Referentemente à reatividade negativa, o sexo masculino apresenta um resultado superior, bem como ao nível da dimensão de sociabilidade em que o sexo masculino também apresenta um resultado médio superior ao feminino. Referente aos valores médios nas raparigas, estas apresentam valores mais elevados na dimensão da persistência da tarefa e na dimensão da atividade. Ao nível da significância nenhum resultado se demonstra como significativo (valor inferior a 0,05).

O efeito do tamanho pode ser analisado, com base no erro parcial quadrado, o que se verifica um valor mais elevado na dimensão da reatividade negativa de 1,6 o que explica 1,6 % de variação de reatividade negativa nos sexos. Bem como outro dos valores que se verificam como significativos remete para a dimensão da persistência na tarefa, que explica 1,2% da variação em ambos os sexos.

Tabela 10. Análise Multivariada (Manova) dos itens do SATI

Dimensões do Sati	<i>Sexo masculino</i> (N=44)	<i>Sexo Feminino</i> (N=49)		
	<i>M</i>	<i>M</i>	<i>Sig</i>	<i>Erro parcial quadrado</i>
Reatividade Negativa	2,72	2,58	,228	0,016
Persistência na tarefa	2,46	2,53	,287	0,012
Sociabilidade	2,89	2,82	,461	0,006
Atividade	2,24	2,28	,773	0,001

SDQ- análise multivariada

O SDQ, apresenta um traço de *Pillai* =0,027; $F(5, 90) = 0,496$; $P = 0,779$. Referentemente à análise dos resultados médios das dimensões do SDQ que se podem verificar na tabela 11, verifica-se valores superiores no sexo masculino nas dimensões de hiperatividade, e nos problemas de relacionamento com os colegas, sendo que nas dimensões de sintomas emocionais, e os problemas de comportamento, e comportamento pró-social o sexo feminino apresenta resultados médios mais elevados. Referentemente ao total de dificuldades, os rapazes apresentam um valor superior em comparação com o sexo feminino. Ao nível da significância estatística nenhuma dimensão apresentou um valor $<0,05$. Ao nível do efeito do tamanho o valor que mais se sobressai remete para a dimensão de comportamento pró-social, que representa 1,0% nos sexos.

Tabela 11. Análise Multivariada (Manova) dos itens do SDQ

Dimensões	<i>Sexo Masculino (N=46)</i>	<i>Sexo Feminino (N=50)</i>	<i>Sig</i>	<i>Erro parcial quadrado</i>
	<i>M</i>	<i>M</i>		
Sintomas emocionais	2,17	2,50	,439	0,006
Problemas de comportamento	1,80	1,84	,914	0,000
Hiperatividade	4,37	4,00	,512	0,005
Problemas de relacionamento com colegas	1,39	1,26	,680	0,002
Comportamento Pró- Social	7,91	8,26	,330	0,010
Total de dificuldades	9,74	9,60	,907	0,000

Nota. A negrito encontram-se os valores superiores na comparação entre o sexo feminino e masculino

Tabela 12. Diferenças entre sexos nas médias das escalas que avaliam o temperamento infantil (SATI)

	Sexo dos encarregados de educação	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>Diferença entre médias</i>
Reatividade negativa	Masculino	42	2,64	,37
	Feminino	56	2,61	
Persistência na Tarefa	Masculino	41	2,48	-,03
	Feminino	53	2,51	
Sociabilidade	Masculino	42	2,84	,02
	Feminino	57	2,82	
Atividade	Masculino	42	2,22	-, 07
	Feminino	57	2,29	

Nota. A negrito encontram-se os valores superiores na comparação entre o sexo feminino e masculino

A diferença entre as médias das escalas do SATI, efetuaram-se com recurso à estatística de teste T-Student.

De acordo com a análise dos resultados não existem diferenças entre os valores médios entre a percepção dos pais e das mães em relação às dimensões de reatividade negativa, persistência na tarefa, sociabilidade e atividade dos seus filhos, pois as diferenças não se verificarem muito acentuadas em ambas as dimensões.

4.4 Estudo de correlação entre as variáveis

Tabela 13. Coeficientes de Correlação de Pearson com as dimensões do BSI e a as dimensões do SATI

	Reatividade Negativa	Persistência na Tarefa	Sociabilidade	Atividade
Somatização	,072	-,175	-,069	-,002
Obsessões- Compulsões	,216*	-,048	,135	,188
Sensibilidade Interpessoal	,183	-,066	-,082	,085
Depressão	,293**	-,035	,050	,228*
Ansiedade	,175	-,074	,004	,063
Hostilidade	,261**	-,003	,096	,091
Ansiedade Fóbica	,099	-,032	,053	,087
Ideação Paranóide	,236*	,015	,063	,195
Psicoticismo	,271**	,055	,129	,227*

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral).

* . A correlação é significativa no nível e 0,05 (bilateral)

• Baixo ($r=-10$ e 29); médio ($r=.30$ e 49), e elevado ($r=.50$ e 1.0) (Cohen,1988)

Verifica-se que se existe uma relação entre a dimensões que compõem o BSI (Somatização; Obsessões-Compulsões; Sensibilidade Interpessoal; Depressão; Ansiedade; Hostilidade; Ansiedade fóbica; ideação paranóide e psicoticismo) e a dimensão da reatividade negativa, sendo os valores que mais prevalecem, apesar de as correlações se considerarem com valores baixos de acordo com o efeito de Cohen. Destaca-se também a presença de uma correlação significativa ao nível de 0,05, da dimensão da depressão (BSI) com a dimensão de atividade (SATI).

Bem como o psicoticismo apresenta-se relacionado com a reatividade negativa ($r=,271$), o que se verifica que apresenta uma correlação baixa. E o psicoticismo com a atividade que apresenta-se significativo (ao nível e 0,05), apesar de apresentar uma correlação baixa ($r=,227$).

Tabela 14. Coeficientes de correlação de Pearson entre as dimensões do BSI e as dimensões do SDQ

	Escala de sintomas emocionais	Escala de problemas de comportamento	Escala de Hiperatividade	Escala de Relacionamento com os colegas	Escala de comportamento pró social
Somatização	,482**	,111	,040	,278**	,027
Obsessões-compulsões	,133	,236**	,078	,151	-,084
Sensibilidade Interpessoal	,268**	,251*	,073	,214*	-,082
Depressão	,271**	,375**	,209*	,328**	-,182
Ansiedade	,316**	,240*	,137	,304**	-,168
Hostilidade	,207*	,172	,036	,183	-,120
Ansiedade Fóbica	,322**	,201*	,153	,355**	-,126
Ideação	,289**	,197	,108	,252*	-,052
Paranóide					
Psicoticismo	,387**	,292**	,204*	,344**	-,179

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral).

* . A correlação é significativa no nível e 0,05 (bilateral)

• Baixo ($r=-10$ e $.29$); médio ($r=.30$ e $.49$), e elevado ($r=.50$ e 1.0) (Cohen,1988)

As dimensões do BSI, encontram-se correlacionadas com a escala de sintomas emocionais, com a escala de problemas de comportamento, e a escala de relacionamento com os colegas (que compõem o SDQ), sendo as escalas que entre si apresentam correlações de valor baixos e médios

Relativamente aos valores das dimensões do BSI com a escala de sintomas emocionais, prevalecem, correlações com um valor médio (entre um $r=.30$ e $.49$), considerando os mais significativos, a correlação entre o psicoticismo e a escala de sintomas emocionais ($r=,387$). As escalas do BSI, apresentam também correlações com a dimensão da escala de problemas de comportamento, prevalecendo valores de correlação baixos e apenas um valor médio.

Prevalecem correlações ao nível da dimensão da depressão com as escalas do SDQ. Apresentando correlações baixas e correlações médias. Apresenta uma correlação baixa com a escala de sintomas emocionais ($r=,271$) e com a escala de hiperatividade ($r=,209$). Relativamente às escalas que apresentam correlações médias destaca-se a correlação entre a depressão e a escala de problemas de comportamento ($r=,375$) e a

depressão e a escala de relacionamento com os colegas ($r=.328$); ansiedade fóbica com a escala de relacionamento com os colegas, que apresenta um valor médio ($r=.355$), e o psicoticismo com a escala de relacionamento com os colegas ($r=.344$) que apresenta também um valor médio.

Outro dos dados mais evidenciados prende-se com as dimensões do BSI, com a escala de relacionamento com os colegas, que apresenta correlações de valor médio, onde se destaca a depressão com a escala de relacionamento com os colegas ($r=.328$) e a ansiedade com a escala de relacionamento com os colegas ($r=.328$).

É possível verificar que apesar de existir apenas dois valores do BSI correlacionados com a escala de hiperatividade, o mesmo não se verifica com as dimensões do BSI e a escala de comportamento pró-social que apresentam uma ausência de correlação.

Tabela 15. Coeficientes de correlação de Pearson entre as dimensões do SATI e do SDQ

	Escala de sintomas emocionais	Escala de problemas de comportamento	Escala de hiperatividade	Escala de relacionamento com os colegas	Escala de comportamento pró-social
Reatividade Negativa	,176	,518**	,445**	-,009	-,238*
Persistência na tarefa	,037	,025	,122	,096	-,031
Sociabilidade	,096	-,090	,140	,124	,041
Atividade	-,003	,292**	,457**	-,059	-,003

** A correlação é significativa ao nível de 0,01 (Bilateral)

*a correlação é significativa no nível de 0,05

- Baixo ($r=-10$ e $.29$); médio ($r=.30$ e $.49$), e elevado ($r=.50$ e 1.0) (Cohen, 1988)

Relativamente às dimensões do SATI, verifica-se que as mesmas apresentam uma correlação com as escalas de problema de comportamento, escala de hiperatividade e escala de comportamento pró-social. Não se verifica correlações existentes entre as dimensões do SATI e a escala de sintomas emocionais e a escala de comportamento pró-social.

Destaca-se a reatividade negativa com a escala de problemas de comportamento que apresenta uma correlação elevada ($r=,518$). Também a dimensão de reatividade negativa, apresenta uma correlação com a escala de hiperatividade, que de acordo com Cohen, apresenta-se como sendo uma correlação considerada com um valor médio ($r=,457$).

A mesma variável, a reatividade negativa apresenta uma correlação baixa com, significativa ao nível de 0,05, com a escala de comportamento pró-social ($r=-,238$).

Outra dimensão do SATI, que apresenta correção com duas escalas do SDQ, é a atividade com a escala de problemas de comportamento, que apresenta uma correlação média ($r=,292$). E uma correlação média da atividade com a escala de hiperatividade ($r=,457$).

Não se verifica a existência de correlações entre as dimensões do SATI e a escala de sintomas emocionais (SDQ), bem como as dimensões do SATI com a escala de relacionamento com os colegas (SDQ).

5. Discussão de resultados e Conclusão

Um dos objetivos da investigação foi validar o instrumento - SATI para as idades compreendidas entre os 5 e os 14 anos. No entanto após a análise da consistência interna foi possível verificar que o mesmo não apresenta qualidades psicométricas para ser aplicado a partir dos 5 anos, pois as escalas de persistência na tarefa e de sociabilidade apresentam um alfa de *cronbach* baixo, de acordo com o efeito de Cohen (Pallant,2007).

No que concerne à primeira questão de investigação - *Será que existem diferenças entre a percepção materna e paterna na avaliação do temperamento infantil?* - A análise dos resultados aponta para a inexistência de diferenças com significância estatística entre a percepção materna e percepção paterna na avaliação do temperamento infantil.

Da revisão de literatura efetuada não se encontraram estudos comportamentais cujo foco sejam as diferenças entre a percepção materna e a paterna acerca do temperamento dos seus filhos. Os estudos psicodinâmicos que se debruçaram na percepção dos pais acerca do temperamento infantil fazem a ressalva de serem as mães as que mais participam em estudos sobre os filhos, havendo um menor número de dados relativos à percepção paterna (Kaplan, citado por Phares, 1992). Neste sentido, parece importante referir o estudo de Nunes, Faraco, Vieira e Rubin (2013) que defende a importância do papel da mãe e do pai no processo de vinculação; processo este que contribui para a construção da percepção que cada progenitor tem do seu filho, o que reforça a importância da participação de ambos em estudos. Dos estudos consultados (Connell & Goodman, 2002), os pais e as mães dão importância a diferentes aspetos comportamentais nos filhos, e embora essas diferenças não sejam espelhadas no presente estudo, pode ser útil estudar esta questão em estudos futuros sobre esta temática.

Referente à segunda questão de investigação - *Será que a sintomatologia depressiva dos pais contribui para a percepção que têm acerca das reações afetivas negativas dos filhos?* - os dados obtidos confirmam que a sintomatologia depressiva dos pais parece contribuir para a percepção que têm acerca das reações afetivas negativas dos filhos. Do mesmo modo, quando os pais apresentam sintomas depressivos maior é a percepção que têm acerca das reações afetivas negativas dos filhos, tais como choro, grito, expressões de frustração, fúria, entre outras

Ainda dentro da mesma dimensão, a depressão correlaciona-se com outra dimensão que avalia o temperamento da criança - a atividade, o que demonstra que os

pais que se avaliam com mais sintomas depressivos, tendem a perceber os filhos como sendo mais ativos.

O presente estudo permite compreender um pouco mais como a percepção dos pais com sintomatologia psicopatológica interfere na percepção que fazem do temperamento dos filhos. De acordo com estudos que exploram a temática da psicopatologia paterna, Campbell (2010) defende que a depressão materna relaciona-se com a existência de práticas parentais pouco exigentes, levando ao desenvolvimento de problemas sociais e cognitivos desde os primeiros meses de vida até à idade pré-escolar, o que pode condicionar a forma como analisa a percepção dos pais analisa o comportamento dos filhos.

Os dados obtidos apontam para outras correlações significativas entre as dimensões que avaliam os sintomas psicopatológicos dos pais com as dimensões que avaliam o temperamento infantil, fazendo referência às correlações entre as escalas do BSI e do SATI. Relativamente às dimensões do BSI com a reatividade negativa (SATI), a existência de correlações permite considerar que pais que se avaliam com maior existência de sintomas psicopatológicos, nomeadamente nas - obsessões-compulsões, depressão, hostilidade, ideação paranóide e psicoticismo, tendem a perceber os filhos como sendo mais reativos, com demonstração de reações como choro, gritos. Pode ainda constatar-se que a escala de persistência na tarefa e de sociabilidade não se encontram correlacionadas com as dimensões do BSI.

Indo ao encontro de outra das perguntas de investigação formuladas no presente estudo - *Será que a sensibilidade interpessoal dos pais contribui para a percepção das dificuldades de socialização dos filhos?*- os resultados sugerem que a sensibilidade interpessoal dos pais contribui para a percepção de dificuldades de socialização dos filhos com os colegas, nomeadamente sinais de isolamento, dificuldade em empatizar com o outro, entre outras. Esta avaliação foi feita com base na análise das correlações das dimensões do SATI (*Sociabilidade*) e as dimensões do SDQ (*escala de relacionamento com os colegas e escala de comportamento pró-social*) com a dimensão de sensibilidade interpessoal, avaliada nos pais. De acordo com os dados do presente estudo é possível verificar-se os pais que se avaliam como apresentando maior sensibilidade interpessoal, tendem a perceber os filhos como mais sociais e cooperantes para com a relação com o outro. Porém, no que se refere à sensibilidade interpessoal dos pais na percepção do

comportamento pró-social social, não surgem correlações. O que pode ser justificado, pelas diferenças que as crianças apresentam na interação social, ou seja, de acordo com Thomas e Chess (1995), por exemplo uma criança com um temperamento fácil, pode ter facilidade na interação social com os pais, mas apresentar dificuldades sociais na relação com os pares, o que se encontra relacionado com o desenvolvimento pessoal de estratégias de competências de afirmação no agir social.

A falta de dados que suportem a relação entre a percepção que os pais têm acerca do comportamento pró-social dos filhos, pode de algum modo não ser evidente, no sentido em que as crianças são influenciadas pais e de outras figuras de referência, bem como diariamente estão expostas a diferentes contextos que exigem variadas interações sociais. O mesmo acontece com a sensibilidade interpessoal dos pais acerca da sociabilidade do filho, não apresenta correlação, o que aponta novamente para a falta de percepção que os pais têm acerca das interações sociais dos filhos com os outros, podendo dever-se a variados fatores, como a dificuldade na gestão das rotinas, dificultando o acompanhamento acerca das relações sociais que a criança estabelece, o tempo dispensado com a criança. Retomando a teoria de Rothbart (2007), o temperamento da criança é influenciado pelo desenvolvimento das experiências vividas, neste sentido, fica em aberto a sugestão e importância de em estudos futuros ter-se em consideração outros ambientes e contextos que de algum modo interferem no comportamento da criança, como a observação da interação social da criança em diversos contextos.

De ressaltar, outros dados importantes no estudo da correlação entre as dimensões do BSI e do SDQ, remete para outras escalas que apresentam uma correlação entre si; escala de sensibilidade interpessoal que se correlaciona com a escala de sintomas emocionais, neste sentido os dados apontam para que os pais que apresentam um sentimento de inferioridade e mal – estar na relação com os outros, tendem a avaliar os filhos como mais sensíveis na relação com o outro.

A variável depressão apresenta uma relação com a variável dos problemas de comportamento, mostrando uma relação significativa. Neste sentido os pais que apontam indicadores de depressão clínica, tendem a avaliar os filhos com a presença de problemas de comportamento, como a presença de mentiras, a presença de birras, problemas na escola, entre outras. É possível ainda verificar-se que a variável depressão se encontra relacionada com outras dimensões, mostrando significativa com a dimensão da escala de

hiperatividade, o que demonstra que pais que se percebem como tendo a presença de sintomas depressivos tendem a avaliar os filhos como sendo mais hiperativos, com a presença de comportamentos de agitação, irritabilidade, distração, que se apresenta superior nos rapazes. A mesma variável, a depressão encontra-se relacionada com a escala de relacionamento com os colegas, que se aponta como significativa, ou seja, os pais que apresentam maior sintomatologia depressiva tendem a avaliar os filhos como apresentando mais dificuldades na relação com o outro, sendo o sexo masculino que evidencia uma maior dificuldade nos problemas de relacionamento com os colegas.

Outra escala que apresenta dimensões do BSI correlacionadas com as dimensões do SDQ, refere-se à escala da ansiedade, esta apresenta-se como significativa com a escala de sintomas emocionais, problemas de comportamento e com a escala de problema de relacionamento com os colegas. No que se refere, à escala de ansiedade, apresenta uma correlação com a escala de sintomas emocionais nos filhos, o que sugere que os pais com sintomas indicadores de ansiedade, tendem a perceber os filhos como tendo mais sintomas de dor de cabeça, tristeza, choro entre outros.

No que se refere à dimensão de hostilidade, apresenta uma correlação com a escala de sintomas emocionais, o que conduz à percepção de que pais com sintomas hostis, tendem a avaliar os filhos com prevalência de maior número de sintomas emocionais.

Referentemente à escala de ansiedade fóbica encontra-se relacionada também com a escala de problemas de comportamento, o que sugere, que os pais com indicadores de ansiedade fóbica, tendem a avaliar os filhos com comportamentos de desobediência, a presença de birras ou com problemas de relacionamento na escola. A escala de ansiedade fóbica, demonstra também uma relação com a escala de problemas de relacionamento com os colegas, sugerindo que os pais tendem a perceber os filhos com maior dificuldade na relação com o outro.

Outra das escalas que se apresenta como significativa com outras variáveis, consiste na ideação paranóide, que se demonstra como significativa com a escala de sintomas emocionais, o que sugere que pais que se avaliam com estes sintomas paranóides, tendem a perceber os filhos como apresentando mais preocupações, a presença de birras, bem como estado de nervosismo. A mesma escala, a ideação paranóide apresenta-se relacionada com a escala de problemas de relacionamento com os colegas, deste modo os pais percebem os filhos com mais dificuldade na relação com o outro.

A última escala, o psicoticismo, apresenta-se relacionado com as escalas de sintomas emocionais, a escala de problemas de comportamento, a escala de hiperatividade e a escala de relacionamentos com os colegas. O que reflete que os pais que se percebem com traços de psicoticismo, tendem a avaliar os filhos como mais tristes, inquietos, e com a presença de birras, bem como mais nervosos, agitação e irritabilidade. Bem como são percebidos como tendo mais dificuldade na relação com o outro.

Relativamente à última questão de investigação estudada nesta investigação - *Será que existe uma associação entre o temperamento da criança e os seus comportamentos, nomeadamente as capacidades e dificuldades da criança?* - Existe uma associação entre o temperamento da criança e os seus comportamentos, avaliando as capacidades e dificuldades da criança, o que vai ao encontro da linha de pensamento de Carr (2006). Este autor refere a importância do estudo dos perfis de temperamento no desenvolvimento de problemas de comportamento, pois as crianças com um temperamento difícil, tendem a desenvolver respostas punitivas para com os pais, desenvolvendo um estilo punitivo na relação que estabelecem com os outros e por conseguinte um padrão de externalização do comportamento. Os pais contribuem para transmitir padrões comportamentais à criança, o que contribui para o estilo comportamental que esta desenvolve. (Campbell, 2010). Neste sentido, revela – se interessante compreender os comportamentos das crianças com base na percepção parental.

Os resultados sugerem que a reatividade negativa, tem uma relação com as escalas de problemas de comportamento, com a escala de hiperatividade e com a escala de comportamento pró-social. Estes dados apontam para o facto das reações de choro, gritos e birras se encontrarem associados a outros problemas de comportamento na relação com os outros. O mesmo acontece com os resultados relacionados com a reatividade negativa e a escala de hiperatividade, estes dados revelam a presença de comportamentos de instabilidade, e distração, tais como o predomínio de reações como fúria, e agitação. Neste sentido, o temperamento parece estar mais relacionado com o desenvolvimento de problemas de externalização, de acordo com os resultados encontradas na presente investigação, o que de alguma forma vai ao encontro da linha de Carr (2006) supracitado anteriormente.

Relativamente à relação entre a reatividade negativa e o comportamento pró-social. Tanto nas meninas como nos meninos, existe uma relação inversa entre a reatividade negativa e comportamento pró-social; ou seja, quanto mais a reatividade negativa aumenta, mais o comportamento pró-social diminui. O que significa que as crianças com reatividade negativa são percebidas pelos pais como tendo menos comportamentos de cooperação e partilha na relação com os outros. Ainda dentro das dimensões do SATI, a dimensão de atividade apresenta uma relação com a escala de problemas de comportamento e a escala de hiperatividade, o que é normal tendo em consideração os padrões de agitação motora, e desatenção predominantes nas crianças com problemas de comportamento e de hiperatividade.

Conclusão

Os resultados do presente estudo permitiram estudar os objetivos definidos inicialmente na investigação e abrir hipótese para futuras investigações na área do temperamento infantil. A revisão de literatura permitiu expandir os conhecimentos sobre as variadas abordagens existentes acerca do temperamento infantil- abordagem estilística, psicobiológica, categorial e comportamental no estudo do mesmo.

O estudo dos traços do temperamento infantil, é importante na prevenção de problemas de comportamento, uma vez que existe uma relação causal entre os traços do temperamento infantil e o desenvolvimento de problemas de internalização. No mesmo sentido, existem fatores determinantes que afetam os problemas de internalização, tais como a psicopatologia dos pais, o sexo da criança e o ambiente em que a criança se encontra (Abuzili, Pryor, Michel, Melchior & Waerden, 2017).

Os resultados obtidos consideram-se importantes na medida em que fornecem uma visão de como se pode fazer uso de instrumentos de medida para a avaliação do temperamento infantil, através da perceção parental. Neste sentido, aponta-se como uma sugestão futura, a aplicação de instrumentos de avaliação a outras figuras consideradas importantes na relação com a criança e jovens em idade escolar. Por exemplo, aplicar a versão do SDQ a professores que são figuras de referência para a criança, especialmente no início do período escolar. Pois, de acordo com Linca (2016) é importante compreender a relação que se encontra entre o temperamento da criança e ambiente onde a mesma se encontra. Deste modo alargaria-se o espectro do estudo do temperamento, e conseguir-

se-ia ter uma noção mais realista de como o reportório comportamental da criança é influenciado pelo contexto, quer do ambiente escolar, quer do ambiente familiar.

Para Stroufe (citado em Machado & Diogo, 2017) o comportamento da criança pode ser determinado por alterações dentro do núcleo familiar, tais como alterações sociais, profissionais e relacionais, que podem ser fatores causadores de problemas de externalização e internalização na criança. O recurso ao instrumento de avaliação o BSI-Inventário de Sintomas Psicopatológicos permitiu fazer uma triagem dos sintomas existentes nos pais, que pode ter interferido na perceção que fazem da avaliação do temperamento dos filhos. Neste sentido, a psicopatologia parental pode apresentar um contributo no desenvolvimento destes problemas, sendo que um dos problemas psicopatológicos mencionado na literatura, é a depressão materna (Campbell, 2010).

De acordo com a presente investigação, destaca-se que de facto a sintomatologia depressiva contribui para a perceção que os pais fazem acerca das reacções negativas da criança. Bem como, outro dado relevante, é de que a sensibilidade interpessoal dos pais contribui nas dificuldades de socialização dos filhos, e que apesar da presença de um número de participantes reduzidos é possível evidenciar resultados pertinentes e possíveis de serem estudados e alargados em futuras investigações, explorando aprofundadamente a influência da psicopatologia parental no comportamento das crianças.

Outro dos dados que se revela bastante promissor no presente estudo é a conclusão de que os perfis de temperamento da criança, associam-se às capacidades e dificuldades da criança, o que revela que o SATI- School-age Temperament Inventory e o SDQ- Questionário de Capacidades e de dificuldades apresentam-se de facto úteis quando a comparação dos dados do temperamento com as dificuldades da criança, fornecendo informações pertinentes. Apresentam correlações significativas ao nível reatividade negativa- com a escala de problemas de comportamento; escala de reatividade- com a escala de hiperatividade; escala de reatividade e escala de comportamento pró-social. E a escala de atividade, com as sub-escalas do SDQ- a *escala de problemas de comportamento e escala de hiperatividade*. Apesar de este estudo ter encontrado algumas associações entre as variáveis, é necessário a continuação do estudo destas escalas em estudos futuros, com amostras maiores de forma a obter-se conclusões mais asseguradas e fidedignas.

A presente investigação apresentou no entanto algumas limitações no que se refere à recolha da amostra, bem como a dificuldade de adesão por parte dos participantes; pelo que em estudos futuros, sugere-se complementar com uma entrevista aos pais e como a observação da relação pais- criança, de modo a alargar-se a informação acerca do reportório comportamental da criança ou jovem avaliado.

Um dos objetivos definidos que se prendia com a validação do Inventário de Temperamento para crianças em idade escolar – SATI – não se demonstrou conclusiva para a sua aplicação a partir dos 5 anos de idade. O estudo de validação que esta investigação teve por base foi o de Lígia, Lemos e Guerra (2010), que validaram o instrumento para crianças a partir dos 8 anos. Este estudo pretendia alargar a aplicação do SATI a idades inferiores a 8 anos, o que não se verificou e que impõe uma limitação ao estudo.

Em suma, foi um estudo que permitiu explorar a temática do temperamento infantil sobre o olhar dos pais, e explorar o uso dos presentes instrumentos utilizados na continuidade do estudo do temperamento infantil, já iniciada em estudos anteriores.

6. Referências Bibliográficas

Abulizi, X., Pryor, L., Michel, G., Melchior, M., & Waerden, J. (2017). Temperament in infancy and behavioral and emotional problems at age 5.5: The EDEN mother-child cohort. *Plos One*, 12 (2), pp. 1-17. DOI:10.1371/journal.pone.0171971

Alvarenga, P. & Piccinini, C. A. (2007). O Impacto do Temperamento Infantil, da Responsividade e das Práticas Educativas Maternas nos Problemas de Externalização e na Competência Social da Criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (2), pp.314-323.

Buss, A. H., & Plomin, R. (1984). *Temperament: Early developing personality traits*: Hillsdale, Nj: Lawrence Erlbaum Associates.

Campbell, S.B. (2010). Depressão materna e ajustamento da criança na primeira infância. Enciclopédia sobre o desenvolvimento na primeira infância. University of Pittsburgh: EUA.

Caprara, G.V., & Cervone, D. (2000). Individual Differences: Traits, Temperament, and Intelligence. In G. Caprara, & D, Cervone (Eds), *Personality: Determinants, Dynamics, and Potentials* (Nº1., pp.62-89). United Kingdom: Cambridge University Press.

Carr, A. (2006). Perturbações do comportamento. In V. Ramalho (Eds.), *Manual de Psicologia Clínica da Criança e do Adolescente*. (Nº1, pp.341-393). Braga: Psiquilibrios.

Caspi, A., & Roberts, B. (2001) Personality Development Across the Life Course: The Argument for Change and Continuity, *Psychological Inquiry: An International Journal for the Advancement of Psychological Theory*, 12:2, pp.49-66, doi: 10.1207/S15327965PLI1202_01.

Chess, T & Thomas, A. (1995). *Temperament in Clinical Practice*. The Guildford Press: New York University Medical Center.

Connell, A. & Goodman, S. (2002). The Association Between Psychopathology in Fathers Versus Mothers and Children's Internalizing and Externalizing Behavior Problems: A Meta-Analysis. *Psychological Bulletin* 128 (5), pp.746 –773. doi: 10.1037//0033-2909.128.5.746

Corr, P.J., & Matthews, G. (2009). Childhood Temperament. In P. Corr & G. Matthews, *Personality Psychology* (pp. 177-191). New York: Cambridge.

Forbes, M.K., Rapee, R.M., Camberis, A.L. & McMahon, C.A. (2016). Unique Associations between Childhood Temperament Characteristics and Subsequent Psychopathology Symptom Trajectories from Childhood to Early Adolescence. *J Abnorm Child Psychol*, 45, pp-1221 – 1233. DOI 10.1007/s10802-016-0236-7.

Gallagher, K. (2002). Does child temperament moderate the influence of parenting on adjustment? *Development Review*, 22, pp. 623-643. doi10.1016/S0273-2297(02) 00503-8.

Gracioli, S. & Linhares. (2014). Temperamento e sua relação com problemas emocionais e de comportamento em pré-escolares. *Psicologia em Estudo*, 19 (1), pp.71-80. Doi:10.1590/1413-7372213020007.

Hoffman, M. (1960). Power assertion by the parent and its impact on the child. *Child Development*, 31, pp.129-143.

Klein, V., & Martins Linhares, M. (2007). Temperamento, comportamento e experiência dolorosa na trajetória de desenvolvimento da criança. *Paidéia*, 17 (36), pp. 33-44.

Lima, L., Lemos, M.S. & Guerra, M. (2010) Adaptação do Inventário de Temperamento para crianças em idade escolar, *Psicologia, Saúde e Doenças*, 11 (1), pp.55-70.

Linca, F. I. (2016). Temperament: Environment or gene?. *Romanian Journal of Cognitive Behavioral Therapy and Hypnosis*, (2) 1, 5-11.

Maccoby, E. & Martin, J. (1983). Parenting Science and Practice. In K. Renninger & I. Sigel (Eds.), *Handbook of child psychology* (Nº6, 920-921). New Jersey: Wiley.

Machado, T.S & Diogo, C. (2017) Problemas de externalização e internalização em pré-adolescentes e vinculação aos pais. *Revista de Estudios e Investigación en psicologia y educación*, 4 (1) 42- 51. doi:https://doi.org/10.17979/reipe.2017.4.1.1553

Martinez, L. F.& Ferreira, A. I. (2010). *Análise de dados com SPSS: Primeiros Passos* (Nº3). Lisboa: Escolar Editora.

Mian, L., Tango, L. A., Lopes, S. & Loureiro, S.A. (2009). A depressão materna e o comportamento de crianças em idade escolar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25 (1), 29-37.

Patias, N.D., Siqueira, A.C. & Dias, A.C. (2013). Práticas educativas e intervenção com pais: a educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 21 (1), 29-40. doi.org/10.7322/JHGD.102992

Pallant, J. (2007). *Survival Manual: A Step by Step Guide to Data Analysis using SPSS for Windows* (Nº3). New York: Open University Press.

Phares, V. (1992). Where's Poppa? The relative lack of attention to the role of fathers in Child and adolescent psychopathology. *American Psychologist*, 47 (5), pp.654-664. DOI: 10.1037/0003-066X.47.5.656

Putman, S. P., Sanson, A.V., & Rothbart, M.K. (2012). Child Temperament and Parenting. In M. Borstein (Eds.), *Handbook of parenting* (Nº2, pp. 255-279). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Renninger, K., & Sigal, I. (2006). *Handbook of Child Psychology* (Nº6). New Jersey: Wiley.

Rothbart, M. K. (2007). Temperament, Development, and Personality. *Current Directions in Psychological Science*, 16 (4), pp. 207-212.

Rothbart, M.K., & Bates, J. E. (2008). Temperament. In W. Damon & R. Lerner (Eds.), *Child and Adolescent Development An Advanced Course* (pp. 54-83) New Jersey: Wiley.

Rosando, A.R (2013). Perturbações do Comportamento na infância e adolescência: Uma revisão da literatura. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 4. pp. 118-127.

Rothbart, M. K. (2012). Temperament. Retirado de <http://www.childencyclopedia.com/sites/default/files/dossierscomplets/en/temperament.pdf>.

Saur, A., M., & Loureiro, S.R. (2012). Qualidades psicométricas do Questionário de Capacidades e Dificuldades: revisão da literatura. *Estudos de Psicologia*, 29, pp. 619-629).

Schultz, D. P., & Schultz, S. E. (2011). O Estudo da Personalidade: Avaliação, Pesquisa e Teoria. In G, Souza (Eds), *Teorias da Personalidade (Nº9, pp.5-8*. São Paulo: Cengage Learning.

Simões, S., Farate, C.& Pocinho, M. (2011). Estilos Educativos Parentais e Comportamentos de Vinculação das crianças em idade escolar. *Interações*,20. pp. 75-99.

Simões, M.R., Machado, C., Gonçalves, M.M. & Almeida, L.S. (2003). *Avaliação psicológica: instrumentos validados para a população portuguesa*.Vol.1. Coimbra: Quarteto.

Zentner, M., & Bates, J. (2008). Child Temperament: An Integrative Review of concepts, research programs, and measures. *European Journal of Developmental Science*, 2, 7-37. doi: 10.3233/DEV-2008-21203.

ANEXOS

Anexo I

Questionário Sociodemográfico

Por favor, preencha os seguintes espaços

A preencher pelos pais

Dados referentes aos encarregados de educação

Sexo: F ☐ M ☐

Idade: _____

Nacionalidade _____

Zona de Residência

Zona Rural ☐ Zona Urbana ☐

Escolaridade Ensino Básico ☐ Ensino Secundário ☐ Ensino Universitário ☐

Situação profissional Empregado ☐ Desempregado ☐

Estado Civil Solteiro ☐ União de facto ☐ Casado ☐ Divorciado ☐

Viúvo ☐

Acompanhamento psicológico (selecione uma opção)

Já tive acompanhamento psicológico ☐

Encontro-me a ter acompanhamento psicológico ☐

Nunca tive acompanhamento psicológico ☐

Informação relativa aos educandos (a ser preenchido pelos pais)

Nº de filhos 1: ☐ 2: ☐ 3: ☐ 4 ou mais: ☐

Nº de filhos do sexo F: ☐ M: ☐

Idade dos filhos: 5: ☐ 6: ☐ 7: ☐ 8: ☐ 9: ☐ 10: ☐ 11: ☐
12: ☐ 13: ☐ 14: ☐

Ano de escolaridade do (s) filho (os/as) Pré – escolar (3 -5 anos) ☐

1º Ciclo (1º aos 4º ano) ☐ 2º ciclo (5º ao 6º ano) ☐ 3º ciclo (7º ao 9º ano) ☐

Acompanhamento psicológico dos filhos (selecione uma opção)

Já tiveram acompanhamento psicológico ☐

Encontram-se a ter acompanhamento psicológico ☐

Nunca tiveram acompanhamento psicológico ☐

Anexo II

BSI

INSTRUÇÕES:

De seguida apresenta-se uma lista de problemas que as pessoas por vezes referem. Leia com atenção cada um deles e assinale o número que melhor descreve o grau em que se sentiu perturbado/a por esse problema na última semana, incluindo hoje. Assinale somente um número para cada problema e não deixe nenhum item por responder. Leia, por favor, o exemplo dado seguidamente antes de começar o preenchimento deste questionário.

Nome: _____

Sexo: Masculino ☐ Feminino ☐

Idade: _____

Escolaridade: _____

Profissão: _____

Estado Civil: Cas ☐ Sep ☐ Div ☐ Sol ☐ Viú ☐

Local de Residência: _____

Número de Filhos: _____ Sexo: _____

Idades: _____

Data: ____/____/____

	Nada	Um pouco	Moderadamente	Muito	Extremamente
1. Dores no corpo	0	1	2	3	4

EM QUE MEDIDA FICOU PERTURBADO/A POR:	Nada	Um pouco	Moderadamente	Muito	Extremamente
1. Nervosismo ou agitação interior	0	1	2	3	4
2. Tonturas ou desmaios	0	1	2	3	4
3. Ideia que alguém pode controlar os seus pensamentos	0	1	2	3	4
4. Sentir que os outros são culpados da maior parte dos seus problemas	0	1	2	3	4
5. Dificuldade em lembrar-se de coisas	0	1	2	3	4
6. Sentir-se facilmente aborrecido/a ou irritado/a	0	1	2	3	4
7. Dores no coração ou no peito	0	1	2	3	4
8. Sentir medo em espaços abertos	0	1	2	3	4
9. Pensamentos de acabar com a vida	0	1	2	3	4
10. Sentir que não pode confiar na maior parte das pessoas	0	1	2	3	4
11. Pouco apetite	0	1	2	3	4
12. Assustar-se subitamente sem razão	0	1	2	3	4
13. Explosões emocionais que não consegue controlar	0	1	2	3	4
14. Sentir-se só mesmo quando está acompanhado/a	0	1	2	3	4
15. Sentir-se bloqueado/a ao tentar fazer coisas	0	1	2	3	4
16. Sentir-se só	0	1	2	3	4
17. Sentir-se melancólico/a	0	1	2	3	4
18. Não sentir interesse nas coisas	0	1	2	3	4
19. Sentir-se com muito medo	0	1	2	3	4

Copyright © 1975 by Leonard F. Derogatis, Ph.D.

Por favor, volte a folha e continue a responder ao questionário.

Tradução 1998 Helena Afonso, F.P.C.E. U.L.

		Nada	Um pouco	Moderadamente	Muito	Extremamente
EM QUE MEDIDA FICOU PERTURBADO/A POR:						
· Ficar facilmente ferido/a nos seus sentimentos	20	0	1	2	3	4
· Sentir que as pessoas não são amigas ou não gostam de si	21	0	1	2	3	4
· Sentir-se inferior aos outros	22	0	1	2	3	4
· Náuseas ou indisposição no estômago	23	0	1	2	3	4
· Sentir-se observado/a ou que os outros falam de si	24	0	1	2	3	4
· Dificuldade em adormecer	25	0	1	2	3	4
· Ter de verificar e tomar a verificar o que faz	26	0	1	2	3	4
· Dificuldade em tomar decisões	27	0	1	2	3	4
· Sentir medo de viajar de autocarro, metro ou comboio	28	0	1	2	3	4
· Dificuldade em respirar	29	0	1	2	3	4
· Aтреios de frio ou de calor	30	0	1	2	3	4
· Ter que evitar certas coisas, lugares ou actividades porque elas o/a assustam	31	0	1	2	3	4
· Fazer-se um vazio no seu pensamento	32	0	1	2	3	4
· Sentir formigueliros ou partes do corpo entorpecidas	33	0	1	2	3	4
· Ideia que deve ser castigado/a pelos seus pecados	34	0	1	2	3	4
· Sentir-se sem esperança no futuro	35	0	1	2	3	4
· Dificuldade em concentrar-se	36	0	1	2	3	4
· Sentir fraqueza em partes do seu corpo	37	0	1	2	3	4
· Sentir-se tenso/a ou nervoso/a	38	0	1	2	3	4
· Pensamentos de morte ou de morrer	39	0	1	2	3	4
· Ter vontade de bater, injuriar ou prejudicar alguém	40	0	1	2	3	4
· Ter vontade de partir ou estragar coisas	41	0	1	2	3	4
· Estar muito atento/a a si próprio/a na presença de outros	42	0	1	2	3	4
· Sentir-se pouco à vontade no meio de muita gente	43	0	1	2	3	4
· Nunca se sentir próximo de outra pessoa	44	0	1	2	3	4
· Terror ou pânico	45	0	1	2	3	4
· Envolver-se em discussões com frequência	46	0	1	2	3	4
· Sentir-se nervoso/a quando o/a deitam sozinho/a	47	0	1	2	3	4
· Os outros não darem o apoio devido àquilo que faz	48	0	1	2	3	4
· Sentir-se tão inquieto/a que não consegue ficar parado/a	49	0	1	2	3	4
· Sentir-se sem valor	50	0	1	2	3	4
· Sentir que as pessoas podem aproveitar-se de si, se você debar	51	0	1	2	3	4
· Sentimentos de culpa	52	0	1	2	3	4
· Ideia que alguma coisa está mal no seu pensamento	53	0	1	2	3	4

Anexo III

Versão Portuguesa do SCHOOL-AGE TEMPERAMENT INVENTORY (SATI)

Usando a escala em baixo indicado, por favor assinale (com um círculo) o número que indica a frequência com que o comportamento do seu filho é descrito em cada item.

NUNCA	RARAMENTE	METADE DAS VEZES	FREQUENTEMENTE	SEMPRE
1	2	3	4	5

	NUNCA	RARAMENTE	METADE DAS VEZES	FREQUENTEMENTE	SEMPRE
1. Anda silenciosamente pela casa quando vai de um sítio para outro	1	2	3	4	5
2. Fica chateado(a) quando não consegue encontrar alguma coisa	1	2	3	4	5
3. Aborda as crianças da sua idade mesmo quando não as conhece	1	2	3	4	5
4. Muda de uma actividade para outra antes de terminar a primeira.	1	2	3	4	5
5. Quando não está de acordo com alguma coisa, fala de uma forma calma e tranquila	1	2	3	4	5
6. Retorna às suas responsabilidades (trabalhos de casa, tarefas domésticas), depois de um telefonema ou visita de um amigo	1	2	3	4	5
7. Sorri ou ri a visitas novas de idade adulta que apareçam lá em casa	1	2	3	4	5
8. Não acaba os trabalhos de casa a não ser que alguém lhe esteja sempre a lembrar para os fazer	1	2	3	4	5
9. É tímido(a) com adultos que não conhece.	1	2	3	4	5
10. Fica furioso(a) mesmo quando é apenas ligeiramente criticado(a).	1	2	3	4	5

- | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 11. Abandona os seus trabalhos antes de os terminar (desenhos, modelos, trabalhos manuais, etc) | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 12. Parece ficar nervoso(a) ou ansioso(a) em situações novas (visitas a parentes, novos amigos ou colegas). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 13. Corre quando entra ou sai de casa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 14. Reage violentamente (chora e protesta alto) face a uma desilusão ou a um insucesso. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 15. Fica muito frustrado com novos projectos (trabalhos) e desiste deles. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

v.s.f.f.

	NUNCA	RARAMENTE	METADE DAS VEZES	FREQUENTEMENTE	SEMPRE
16. Faz os trabalhos de casa sem ser preciso lembrar-lhe.	1	2	3	4	5
17. Fica zangado(a) quando implicam com ele(a)	1	2	3	4	5
18. Não faz as tarefas de casa até ao fim.	1	2	3	4	5
19. Entra de rompante nos lugares.	1	2	3	4	5
20. Fica muito frustrado(a) quando comete um erro.	1	2	3	4	5
21. Fica envergonhado(a), quando conhece novas crianças.	1	2	3	4	5
22. Faz os deveres todos até ao fim.	1	2	3	4	5
23. Quando se zanga, grita ou anda “à bulha” com outros.	1	2	3	4	5
24. Sobe ou desce escadas aos saltos ou a correr.	1	2	3	4	5
25. Depois de uma interrupção, retoma a tarefa (deveres, trabalho doméstico) que estava a fazer.	1	2	3	4	5
26. Fica de mau humor quando lhe ralham por se ter portado mal.	1	2	3	4	5
27. Tem facilidade em adaptar-se a novos lugares (parques, recreios, lojas, cinemas)	1	2	3	4	5
28. Corre quando quer ir algum lado.	1	2	3	4	5
29. Reage intensamente (chora, grita) quando é contrariado(a)	1	2	3	4	5
30. Tem dificuldade em completar tarefas que lhe são atribuídas (deveres, tarefas caseiras, etc)	1	2	3	4	5

31. Prefere brincar com alguém que já conhece, do que conhecer pessoas novas.	1	2	3	4	5
32. Faz muito barulho quando está zangado(a) (bate com a porta, grita, atira objectos, etc)	1	2	3	4	5
33. Fica aborrecido (a) quando há uma mudança de planos	1	2	3	4	5
34. Evita (afasta-se, ou não fala) com visitas que não conhece que vão lá a casa.	1	2	3	4	5
35. Parece andar sempre apressado(a)	1	2	3	4	5
36. Quando uma actividade é difícil, desiste facilmente	1	2	3	4	5
37. Tem dias em que está chateado(a) ou embirrento(a) e não se pode falar com ele(a).	1	2	3	4	5
38. Parece ficar pouco à vontade quando está lá em casa alguém que não conhece.	1	2	3	4	5

Original de McClowry (1995) – Versão Portuguesa de Lima, Lemos & Guerra (2003),

Anexo IV

Questionário de Capacidades e de Dificuldades (SDQ-Por)

P 4-16

Instruções: Encontra a seguir 25 frases. Para cada uma delas marque, com uma cruz, um dos seguintes quadrados: Não é verdade; É um pouco verdade; É muito verdade. Ajuda-nos muito se responder a todas as afirmações o melhor que puder, mesmo que não tenha a certeza absoluta ou que a afirmação lhe pareça estranha. Por favor, responda com base no comportamento do seu filho / da sua filha nos últimos seis meses.

Nome da criança

Masculino/Feminino

Data de nascimento

	Não é verdade	É um pouco verdade	É muito verdade
É sensível aos sentimentos dos outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É irrequieto/a, muito mexido/a, nunca pára quieto/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Queixa-se frequentemente de dores de cabeça, dores de barriga ou vômitos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Partilha facilmente com as outras crianças (guloseimas, brinquedos, lápis, etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Enerva-se muito facilmente e faz muitas birras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tem tendência a isolar-se, gosta mais de brincar sozinho/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Obedece com facilidade, faz habitualmente o que os adultos lhe mandam	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tem muitas preocupações, parece sempre preocupado/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gosta de ajudar se alguém está magoado, aborrecido ou doente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não sossega. Está sempre a mexer as pernas ou as mãos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tem pelo menos um bom amigo/uma boa amiga	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Luta frequentemente com as outras crianças, ameaça-as ou intimida-as	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Anda muitas vezes triste, desanimado/a ou choroso/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Em geral as outras crianças gostam dele/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Distrai-se com facilidade, está sempre com a cabeça no ar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Em situações novas é receoso/a, muito agarrado/a e pouco seguro/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É simpático/a e amável com crianças mais pequenas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mente frequentemente ou engana	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As outras crianças metem-se com ele/a, ameaçam-no/a ou intimidam-no/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sempre pronto/a a ajudar os outros (pais, professores ou outras crianças)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pensa nas coisas antes de as fazer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Rouba em casa, na escola ou em outros sítios	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Dá-se melhor com adultos do que com outras crianças	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tem muitos medos, assusta-se com facilidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Geralmente acaba o que começa, tem uma boa atenção	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Tem algum outro comentário ou preocupação? Descreva.

Por favor, vire a folha - há mais algumas questões no outro lado

Em geral, parece-lhe que o seu filho / a sua filha tem dificuldades em alguma das seguintes áreas:
emoções, concentração, comportamento ou em dar-se com outras pessoas?

Não	Sim- dificuldades pequenas	Sim- dificuldades grandes	Sim- dificuldades muito grandes
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Se respondeu "Sim", por favor responda às seguintes questões sobre essas dificuldades:

- Há quanto tempo existem essas dificuldades?

Menos de 1 mês	1-5 meses	6-12 meses	Mais de 1 ano
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

- Essas dificuldades incomodam ou fazem sofrer o seu filho / a sua filha?

Nada	Pouco	Muito	Muitíssimo
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

- Essas dificuldades perturbam o dia-a-dia do seu filho / da sua filha nas seguintes áreas?

Nada	Pouco	Muito	Muitíssimo
------	-------	-------	------------

EM CASA	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
COM OS AMIGOS	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
NA APRENDIZAGEM NA ESCOLA	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
NAS BRINCADEIRAS/ TEMPOS LIVRES	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

- Essas dificuldades são uma sobrecarga para si ou para a família?

Nada	Pouco	Muito	Muitíssimo
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Assinatura

Data

Mãe/Pai/Outro (por favor, indique quem):

Muito obrigado pela sua colaboração

© Robert Goodman, 2005

Informação

No âmbito da minha dissertação de Mestrado na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, encontro-me na fase da aplicação de questionários de apoio à minha investigação, com o objetivo de compreender a relação entre o temperamento infantil e a perceção que os pais têm do comportamento dos filhos face a diversos contextos e situações.

Neste sentido, durante o mês de Abril, será realizada a entrega dos questionários na

A sua participação no estudo é anónima, confidencial e voluntária, sendo possível a desistência a qualquer momento, não havendo qualquer penalização ou consequência associada.

Obrigada,

Sónia Rico

(aluna do 5º ano no Mestrado em Psicoterapia Cognitiva - Comportamental e Integrativa)

AnexoVI

Carta ao diretor

Exmo.,

Venho por este meio solicitar a sua disponibilidade e colaboração da _____ para a participação na investigação no âmbito da minha dissertação de Mestrado em Psicologia, Núcleo de Psicoterapia Cognitiva - Comportamental e Integrativa, na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, sob orientação da Professora Isabel Sá.

O presente estudo procura estudar o temperamento infantil, tendo como objetivo compreender a relação entre o temperamento infantil e a perceção que os pais têm do comportamento dos filhos face a diversos contextos e situações.

Neste sentido, a presente investigação contempla uma amostra, estimada de 100 participantes, que se definem enquanto pais com filhos com idades compreendidas entre os 5 e os 14 anos que se encontrem a frequentar o ensino pré-escolar e ensino básico no primeiro, segundo e terceiro ciclo.

A participação consiste no preenchimento de um conjunto de três questionários (em anexo), cujo tempo de realização previsto é de 15 a 20 minutos.

A participação dos encarregados de educação é anónima, confidencial e voluntária, podendo os mesmos desistir a qualquer momento, sem que isso implique quaisquer consequências para os mesmos. Previamente à aplicação dos questionários, serão enviados formulários de consentimento informado a serem entregues aos encarregados de educação, de forma a autorizarem a sua participação.

No final do estudo, caso exista interesse por parte da vossa instituição, poderão ser transmitidos os resultados principais da investigação, contactando através do seguinte endereço eletrónico o investigador: sonia.ti.0710@gmail.com.

Desde já agradeço a sua disponibilidade e atenção,

A investigadora Sónia Rico (sob orientação da Prof. Doutora Isabel de Sá)

Consentimento Informado

Exmo./a Sr./a Encarregado/a de Educação,

O meu nome é Sónia Rico e sou aluna do 5º ano do Mestrado em Psicoterapia Cognitiva - Comportamental e Integrativa na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. No âmbito de elaboração da minha dissertação de mestrado sob orientação da Profª Doutora Isabel de Sá, encontro-me a realizar um estudo que tem com objetivo compreender a relação entre o temperamento infantil e a perceção que os pais têm do comportamento dos filhos face a diversos contextos e situações.

Assim, venho por este meio solicitar a sua colaboração para a participação no presente estudo, através do preenchimento de três questionários, com uma duração aproximada de 15-20 minutos.

Para poder participar o seu educando deverá ter uma idade compreendida entre os 5 e os 14 anos.

A sua participação no estudo é anónima, confidencial e voluntária, sendo possível a desistência a qualquer momento, não havendo qualquer penalização ou consequência associada.

Caso tenha alguma dúvida ou necessite de alguma informação adicional, poderá contactar-me para o endereço eletrónico: sonia.ti.0710@gmail.com. Caso pretenda, poderá também solicitar informações relativas aos principais resultados obtidos na presente investigação, para o endereço referido.

Eu, _____,

Li o presente documento e estou de acordo com os procedimentos e condições de participação neste estudo. Deste modo, consinto e aceito participar neste estudo.

Assinatura do participante

Anexo VIII

Boa Tarde,
O meu nome é Sónia Rico, e estou neste momento no 5º ano do Mestrado em Psicoterapia Cognitiva Comportamental e Integrativa na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, estando atualmente em processo de início de elaboração da minha dissertação com o tema do Temperamento Infantil. Neste sentido, e após revisão bibliográfica respeitante aos instrumentos de avaliação, tomei conhecimento do SATI - e da adaptação realizada no vosso estudo para a população portuguesa. Neste sentido, solicitará se possível o envio do questionário e a autorização da utilização do mesmo para a minha investigação.

Desde já, obrigada pela disponibilidade
Com os melhores cumprimentos
Sónia Rico

Cara Sónia,
Junto envio o instrumento. Tem a nossa autorização para o utilizar no seu estudo de mestrado e gostaríamos de nos mantivesse a par dos resultados encontrados.
Atentamente
Lígia Lima

De: Sónia Rico [mailto:sonia.ti.0710@gmail.com]

Enviada: 12 de outubro de 2017 19:31

Para: ligia@esenf.pt

Assunto: Pedido de autorização da utilização da Adaptação do Inventário de Temperamento para crianças em idade escolar a uma população portuguesa(SATI) no âmbito de uma dissertação de mestrado

[...]